



PESQUISAS EM
CIÊNCIAS
HUMANAS
E SOCIAIS

Metodologias Aplicadas



Universidade
Estadual de Londrina



UNIFAP
Universidade Federal
do Amapá

editora
da UNIVERSIDADE
FEDERAL DO AMAPÁ



Coção
Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais

Vol. 2



Metodologias Aplicadas

Fabio Lanza
Claudia Neves da Silva
José Wilson Assis Neves Junior
Letícia Jovelina Storto
Marcos Vinícius de Freitas Reis
Vinícius dos Santos Moreno Bustos
(Orgs.)

Copyright © 2018, Autores

Reitora: Prof.ª Dr.ª Eliane Superti

Vice-Reitora: Prof.ª Dr.ª Adelmá das Neves Nunes Barros Mendes

Pró-Reitora de Administração: Wilma Gomes Silva Monteiro

Pró-Reitor de Planejamento: Prof. Me. Allan Jasper Rocha Mendes

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas: Emanuelle Silva Barbosa

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Prof.ª Dr.ª Camila Maria Rizzo Sales

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.ª Dr.ª Helena Cristina Guimarães Queiroz Simões

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Me. Adolfo Francesco de Oliveira Colares

Pró-Reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Paulo Gustavo Pellegrino
Correa

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Tiago Luedy Silva

Editor-Chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Ana Paula Cinta, Artemis Socorro do Nascimento Rodrigues, César Augusto Mathias de Alencar, Claudia Maria do Socorro Cruz F. Chelala, Daize Fernanda Wagner Silva, Elinaldo da Conceição dos Santos, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Jacks de Mello Andrade Junior, Jose Walter Cárdenas Sotil, Luís Henrique Rambo, Marcus André de Souza Cardoso da Silva, Patricia Helena Turola Takamatsu, Patrícia Rocha Chaves, Robson Antônio Tavares Costa, Rosilene de Oliveira Furtado, Simone de Almeida Delphim Leal, Simone Dias Ferreira e Tiago Luedy Silva

Projeto gráfico, preparação dos originais e editoração eletrônica: Vinicius dos Santos Moreno Bustos

Revisão Gramatical: Os autor(es)

Revisão de Normas Técnicas: Autor(es)

Ilustração e Diagramação da capa: Vinicius dos Santos Moreno Bustos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L297p
Pesquisa em ciências humanas e sociais: metodologias aplicadas / Fabio Lanza et al. (orgs.) – Macapá: UNIFAP, 2018. Il.: 60 p.
ISBN: 978-85-5476-056-4
1. Metodologia. 2. Pesquisa. 3. Ciência. I. Fabio Lanza. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.
CDD 050



Editora da Universidade Federal do Amapá
www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419

Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Obra organizada pelo Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (UEL), em parceria com a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) disponível em:

<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/publicacoes-do-lerr.php>;

<http://www2.unifap.br/editora/>

Os capítulos são de inteira responsabilidade de seus autores, os Organizadores e o Conselho Científico não se responsabilizam pelas opiniões emitidas pelos mesmos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	05
José Wilson Assis Neves Junior	
IMERSÃO EM CAMPO: DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	07
Cleiton de Jesus Rocha, Marcos Vinícius de Freitas Reis	
RELIGIÃO E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: PERCURSO METODOLÓGICO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA	16
Claudia Neves da Silva	
O RESUMO NA ESFERA ACADÊMICA	24
Letícia Jovelina Storto	
PESQUISA DE CAMPO: AS JUVENTUDES (NEO)PENTECOSTAIS	31
Kaique Matheus Cardoso, Fabio Lanza	
OS DESAFIOS E A METODOLOGIA DE PESQUISA DENTRO DOS JOGOS ELETRÔNICOS	42
Carlos Eduardo Vizu Brenzan	
DEBATE EM GRUPO: PESQUISA QUALITATIVA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMBÉ E LONDRINA-PR (2016-2017)	51
Ana Cláudia Rodrigues de Oliveira, Fabio Lanza, Lucas Luis Jesus da Silva, Vinicius dos Santos Moreno Bustos	

APRESENTAÇÃO

José W. A. Neves Jr.¹

A coleção “Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais” faz parte do projeto de difusão e fomento da produção do conhecimento científico, realizado pelo Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades da Universidade Estadual de Londrina (LERR/UEL) – que está vinculado, principalmente, aos Departamentos de Ciências Sociais, História e Serviço Social da UEL e aos pesquisadores (colaboradores externos) oriundos de diferentes instituições.

Consideramos que a delimitação de perspectivas metodológicas apropriadas para o trato das fontes e abordagem dos objetos de pesquisa no decorrer da formação acadêmica é, ainda hoje, um grande desafio para discentes do Ensino Superior no Brasil.

A ampla gama de correntes e métodos de pesquisa que são apresentadas no decorrer do processo de formação do pesquisador demanda a apreensão dos limites e potencialidade de sua aplicação prática.

Nesse sentido, “é notório que o desenvolvimento da pesquisa no Brasil e das exigências dos cursos de pós-graduação têm suscitado um debate vivo entre as tendências conflitantes entre métodos de investigar ou validar conhecimentos científicos” (CHIZZOTTI, 2001, prefácio).

A partir do reconhecimento dessa problemática, imposta à realidade acadêmica brasileira, a coleção “Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais” ambicionam expor, de forma sucinta, exemplos práticos da aplicação de distintos métodos de pesquisa, embasados pelas diferentes correntes teóricas que perpassam tais campos do conhecimento.

Tomamos como premissa o fato de que não existem métodos melhores que outros, mas, sim, diferentes métodos disponíveis que exprimem potencialidades específicas para os investigadores abordarem da melhor forma possível seus objetos e problemas, sendo que esses últimos devem ser os determinantes na escolha do método que será utilizado no desenvolvimento da pesquisa (MINAYO; MINAYO-GOMES, 2003).

Assim, os volumes da coleção disponibilizam ao leitor resultados de pesquisas desenvolvidas pelos docentes, discentes, pesquisadores e colaboradores (nacionais e internacionais) que fazem parte da equipe do LERR/UEL. Buscamos demonstrar, de forma didática, o processo de

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Marília). Pesquisador vinculado ao Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR/UEL). E-mail: nevesjr1991@gmail.com

adequação de métodos qualitativos e quantitativos aos objetos de pesquisa – privilegiando, também, a exposição de diferentes correntes teóricas que embasam as perspectivas.

Esperamos, desta forma, contribuir para a formação de jovens pesquisadores do campo das Ciências Humanas e Sociais, fomentando a produção, a socialização e a democratização do conhecimento científico.

Nesse sentido, reforçamos a proposta de nossa equipe em disponibilizar um material didático, digital e gratuito para acesso irrestrito tanto da academia quanto da comunidade externa – fomentando um processo de fortalecimento da proposta de uma Universidade preocupada com a realidade social.

Por fim, cabe apresentar as contribuições que estão presentes neste segundo volume da coleção. O volume “Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais – Metodologias Aplicadas” conta com seis capítulos, que se empenharam em apresentar os passos trilhados pelos pesquisadores na aplicação dos métodos escolhidos para análise de seus objetos específicos.

O presente volume conta com produções provenientes dos seguintes campos do conhecimento científico: Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), História, Serviço Social e Estudos da Linguagem.

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 2001.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In:

GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p.117-142.

IMERSÃO EM CAMPO: DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Cleiton de Jesus Rocha¹
Marcos Vinícius de Freitas Reis²

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo, fazer uma breve discussão sobre minha experiência na pesquisa que desenvolvi na Iniciação Científica, assim como descrever os percursos metodológicos e analíticos que utilizei para analisar o material empírico coletado, ou seja, descrever alguns momentos e situações que tive de enfrentar no procedimento etnográfico, a escolha e definição do tema e a bibliografia que utilizei como base. De modo geral, destacar as dificuldades que esse procedimento apresenta ao pesquisador.

Desta maneira, utilizo o método etnográfico, enquanto critério para coletar os dados necessários para pensar “os pentecostalismos” no campo religioso evangélico. Comecei a ir a campo no mês de novembro de 2016, na Congregação Getsêmani, da Assembleia de Deus A Pioneira. Chegando ao bairro Perpétuo Socorro, foi possível observar diversos pontos comerciais, pequenos negócios de trabalhadores(as) autônomos, lojas de roupas, panificadora, açougue e um grande supermercado chamado Fortaleza, na principal via do bairro, a Avenida Pedro Américo, além de diversas instituições religiosas, como por exemplo, algumas Assembleias de Deus dissidentes, Igreja Católica – Paróquia Perpétuo Socorro, e, a apenas alguns metros da Getsêmani, o templo da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, revelando assim, um mercado de oferta religiosa (SOUZA, 2012).

O bairro Perpétuo Socorro é marcado por um estigma: é considerado ou reconhecido por ter “lugares perigosos”, fato que é reproduzido pelo meio midiático ou mesmo pela população amapaense, (REIS; ROCHA, 2017)³, contudo, há uma resistência por parte dos moradores, que não

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Bolsista voluntário do Programa de Educação Tutorial; Bolsista de Iniciação Científica - PROBIC. Membro do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade – CEPRES. E-mail: clei2014cs@hotmail.com.

² Orientador. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Amapá. Docente da Especialização Estudos Culturais e Políticas Públicas. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br.

³ Disponível em: <<http://opiniaopalavras.com/politica-e-opinioao/item/352-algumas-conside->

corroboram com tal perspectiva, para que esse estigma seja combatido.

O discurso de “espaço violento”, marcado pela pobreza, pelo aglomerado populacional, e supostamente por uma “desordem”, passa por um processo de combate, de tentar positivar o Bairro, assim como propiciar a valorização dos pontos comerciais, da economia local, o que mudou um pouco a paisagem com a construção de um supermercado (Fortaleza), o qual, junto com essa economia informal, acaba por propiciar ou tornar as ruas bastante movimentadas, ou seja, acaba por apresentar outra narrativa sobre o espaço, com um fluxo intenso de circulação de pessoas, diversificação de pontos comerciais, e a arquitetura das casas, que vai ganhando um ar de “classe média”, próxima ao “centro” da cidade.

A arquitetura da igreja passou por recentes reformas, e desta maneira, no prédio é perceptível que houve um investimento para poder operacionalizar as atividades religiosas, tendo agora um grande salão, um prédio com um andar, climatizado, com salas de administração e salas para desenvolver outras atividades, totalizando sete espaços úteis. De acordo com uma de nossas interlocutoras “a igreja tem uma estrutura de qualidade, diferente da realidade diária dos jovens que nós trabalhamos. E isso faz com que eles possam, *por um momento, ter dignidade*”.

Como evidenciado por Mafra (2007), a Assembleia de Deus, ao longo da sua história, acompanhou as modificações históricas e urbanas, passando de igrejas que eram confundidas com casas ou lares para grandes templos, atendendo à diversificação interna de seu público. A sua mensagem religiosa agora atinge um público de classe média⁴ (ORO, 2011), e evidencia o seu projeto de crescimento. Assim, a própria arquitetura carrega uma simbologia de sua presença no lugar em que estiver, ou seja, um “templo com conforto”. Essa política ou “modelo arquitetônico” segue um padrão de todas as igrejas ligadas à Assembleia de Deus (AD) a Pioneira como forma de associar a “arquitetura” à “sua proposta religiosa”.

racoes-sobre-os-pentecostalismos-em-macapa≥. Acessado em: 20 maio 2017.

⁴ Por “[...] sua capacidade de adaptação é que o pentecostalismo atrai indivíduos das diferentes camadas sociais e não mais somente os pobres dos meios urbanos, embora estes ainda constituam a maioria dos fiéis” (ORO, 2011, p. 3).

Figura 01: Assembleia de Deus a Pioneira – Congregação Getsêmani



Fonte: Cleiton de Jesus Rocha

Adentrado à Igreja em uma manhã de domingo, pôde-se observar os membros ajoelhados de costa para o púlpito orando de forma exaustiva, enquanto o pastor estava igualmente de costas, orando e dizendo o que Deus iria fazer naquela manhã. Pedia ainda para abençoar as professoras que iriam ensinar na Escola Bíblica Dominical⁵.

Seguindo esse ritual de preparação para a Escola Bíblica Dominical - EBD, há os grupos de jovens, adolescentes, obreiros (as), recém-convertidos e crianças. Essa “divisão” pode ser interpretada como parte da prática da religiosidade pentecostal para preparação de sua mensagem religiosa aos diferentes grupos que a compõem, ou seja, os agentes profissionais que gerenciam os bens de salvação (BOURDIEU, 2007) enquadram ou tornam manipulável a mensagem religiosa de acordo com cada público, sendo assim, produzem-se sentidos diferentes ao receptor, condicionados à posição social de cada indivíduo que está inserido no campo social e religioso.

No trabalho etnográfico⁶, “estranhar o familiar” (VELHO, 1978) é

⁵ Inseri-me no “grupo dos jovens” da igreja, que é coordenado por uma mulher idosa, bastante carismática e energética, a Irmã Joana, como é conhecida. A igreja desenvolve diversas atividades com o objetivo de “integrar” jovens ou mesmo “tornar-se atraente” ao público, tais como, convidar a participar da Escola Bíblica Dominical nos domingos, às oito horas da manhã. Depois, há um ensaio de música para que eles possam cantar no culto da noite, a elaboração de gincanas, os encontros na casa da líder, juntamente com os irmãos, ou seja, cria-se uma rede de socialidade entre os próprios jovens, de solidariedade e trocas materiais e emotivas entre si, de “amizades” que tentam se conciliar tanto no espaço da igreja, como externamente.

⁶ “É possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e, assim, tentar sair com um modelo novo de entendimento

uma prática pela qual o pesquisador aciona seu arcabouço teórico e sua capacidade de estabelecer relações com os seus interlocutores (MAGNANI, 2002) e ganhar a sua confiança, para assim poder “ter acesso” ao código religioso ou os sentidos das fronteiras que ali estão imbricadas ou que a literatura chama de “cultura”. O trabalho do antropólogo, como observa (GEERTZ, 2008), consiste em “interpretar” as “estruturas de significação estabelecidas” e apresentar no seu empreendimento, na análise do “microcosmo social”, uma descrição densa que esteja próxima da visão do nativo - pois a interpretação do antropólogo está em segunda mão, e somente o nativo tem a interpretação em primeira mão de sua cultura - e também tornar certas “generalizações” aceitáveis do ponto de vista dos dados etnográficos (GEERTZ, 2008). Imbricado no movimento de estabelecer “relações com possíveis informantes”, ter a autoconsciência de minha presença em campo, “causa” um efeito em meus interlocutores, e esse “efeito” deve ser levado em consideração na prática etnográfica, da mesma maneira que eu sou “afetado” no processo de estabelecimento dessas relações (FAVRET-SAADA, 2005).

Por conseguinte, o campo de pesquisa está situado dessa maneira descrito acima. Assim, utilizei o procedimento etnográfico porque se mostrou o mais adequado para coletar as informações e captar as micropercepções e experiências dos interlocutores que vivenciam a religiosidade pentecostal.

A literatura antropológica e sociológica que optei, até então mais adequada para pensar o campo, foi a seguinte: Como nos mostra Peirano (2014) “o ‘método etnográfico’ implica a recusa a uma orientação definida previamente”, ou seja, o empreendimento etnográfico permite que os conceitos e definições teóricas sejam colocados em constante confronto com as informações e os dados do campo, permitindo assim a complexificação do pensamento antropológico. Desse modo, a etnografia é pensada enquanto um meio de produção de conhecimento que articula necessariamente teoria e pesquisa e que nasce do diálogo entre as explicações nativas do mundo e a teoria antropológica.

Conforme Roberto Cardoso de Oliveira (1996), o trabalho do antropólogo congrega três faculdades: o olhar, ouvir e escrever, cada qual com suas particularidades, ou recursos próprios epistemológicos, mas todas interdependentes. Como destacado por Viveiros de Castro (2002, p. 2) “toda relação é uma transformação na construção relacional de ambos”.

Assim, convém poder aproximar-me da perspectiva ou visão de mundo dos meus interlocutores e abrir condições para que seja possível

ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (MAGNANI, 2009, p. 135).

uma relação dialógica para que as relações em campo, acesso ao sistema de informações e códigos de confiança possam ser acionados, logo, a relação dialógica poderá ser um fator importante a esse respeito.

Dessa forma, o empreendimento etnográfico torna-se um valioso recurso enquanto meio de produção de conhecimento e elaboração de técnicas diversificadas no trabalho de campo. Quanto ao planejamento para realização do campo, este consiste em construir relações com os possíveis interlocutores, participar das reuniões, da construção das campanhas e projetos que envolvam os jovens, acompanhar o fluxo de trocas de informações e comunicações pelas redes sociais, fazer registros fotográficos e analisar documentos que possam contribuir para a análise etnográfica.

No que tange às noções conceituais e os autores (as) acionados (as) para refletir o campo, naquilo que faz referência ao pentecostalismo, trabalho com as concepções de Ronaldo Almeida em sua definição de trânsito religioso e as formações de redes entre os pentecostais; com as concepções de Ari Pedro Oro para ajudar a analisar a construção histórica do movimento pentecostal; com as de Clara Mafra, para auxiliar no sentido de poder perceber o campo de negociação no processo de “conversão” religiosa”; e com as de Ricardo Mariano e Leonildo Silveira Campos para perceber os processos do crescimento pentecostal e seu envolvimento com outras ferramentas tecnológicas em seu proselitismo, dentre outros. Sobre a noção de juventude, aciono a perspectiva de Regina Novaes, quando analiso as várias disputas de narrativas sobre a juventude e a invenção dessa categoria historicamente. Por fim, utilizo-me ainda das ideias de Stuart Hall para pensar os fluxos, descontinuidades da identidade e o jogo no processo da construção identitária.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

De modo geral, a escolha do objeto de pesquisa e a delimitação teórica é um momento de angústia para o (a) pesquisador (a), pois, é um processo de escolha e de elaboração de possíveis análises do material coletado. Particularmente, a escolha do meu campo se deu por conversas no grupo de pesquisa CEPRES⁷, através de um amigo, Arielson Teixeira do Carmo, que morava no Bairro Perpétuo Socorro, o qual, a partir de algumas observações, percebeu que em uma parte do Bairro a dinâmica de concentrações de Igrejas pentecostais era notável e mostrava-se promissora à pesquisa que eu vinha desenvolvendo.

Desta maneira, um dos primeiros movimentos que fiz, depois de

⁷ Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade – CEPRES.

instigado, foi ir ver o campo, onde ficava, como era o local, as ruas, e ver as pessoas que passavam pelo lugar. Em uma tarde, num primeiro momento, pude tirar algumas impressões e articular com leituras prévias. Ou seja, notei o surgimento de igrejas pentecostais assembleianas surgindo em bairros periféricos, em casas de membros da igreja e posteriormente transformados em espaços arquitetônicos amplos para permitir desenvolver as atividades religiosas; e a eficácia da religiosidade e de sua materialização nos templos.

Posteriormente, fui à Igreja para tentar estabelecer contato e relações com seus membros, como descrito nessa passagem do diário:

No instante que eu estava busquei fazer alguns contatos para entender o que iria se passar pela manhã na igreja, sabia, a princípio, que iria acontecer a Escola Bíblica Dominical - em síntese, são reuniões de estudos bíblicos que os assembleianos fazem [...]. Eu estava sentado ao fundo, do lado esquerdo, um pouco apreensivo, devido não os conhecer, mas logo foram se dividindo em grupos, e eu fui chamado para fazer parte de um desses grupos [...] (Registrado no dia 27/11/2016).

Adentrando ao campo, um dos primeiros sentimentos é a insegurança, principalmente, por não conhecer ninguém, por sentir-se deslocado do ambiente. Outro fator é não saber inicialmente o que “observar”, o que é “importante” para pesquisa. Desta maneira, a minha reflexão foi deixar “as coisas fluírem”, deixar o interlocutor mostrar o que é importante para ele (a) (FONSECA, 2009). Além disso, eu não tinha muito claro meu “objeto” de estudo, todavia, no momento em que eu ia imergindo no campo, conversando com as pessoas, participando e ouvindo, pude elaborar um “mapa mental” das situações que percebi e, a partir dessas percepções, fui delimitando o campo da minha pesquisa.

Como exemplo, as minhas perguntas básicas eram: “Por que os jovens adotam o pentecostalismo como expressão religiosa na cidade de Macapá?”. “O que os leva à ‘conversão religiosa’?”. Gostaria de enfatizar que essas perguntas partiram de contextos percebidos e vividos no campo, e a partir dessa experiência etnográfica fui fundamentando as bases da pesquisa.

Desta maneira, gostaria de chamar atenção do leitor para outro momento, que considero importante nesse procedimento metodológico: é o momento intermediário onde se passa alguns dias sem ir ao campo, e, geralmente, eu ia às quintas-feiras e aos domingos. O intervalo entre esses dois dias é relevante para o processo de pensamento e de análise. Em seguida, destaco um momento sobre esse assunto:

Desde minha última presença em “campo” na igreja da AD, foi bastante intrigante e complicado para mim, mesmo não estando fisicamente em “campo”, o campo não saía de mim. Fiquei bastante angustiado, pois, quando estamos em atividade não temos o controle sobre o que irá acontecer. Nesse sentido, quando foi colocado em situações “constrangedoras”, se assim posso categorizar, pensei comigo mesmo, “bom irei deixar as coisas acontecerem, vamos ver no que vai dar”. E na descrição passada a “roda de entrevista de grupo” foi improvisada, o nativo que conduziu a entrevista, instigando na ideia de que isso seria bom para minha pesquisa. Um fato curioso, a meu ver é esse desejo incessante do nativo de dizer que isso ou aquilo será bom para minha pesquisa. Deixei acontecer, lógico, pois aquilo só estava acontecendo porque esse sujeito estranho os tinha provocado sobre suas próprias práticas religiosas e os motivos que os fazem continuar “sendo evangélicos”. Um sujeito curioso e que vive fazendo perguntas, nessa relação que eu estabeleci, penso que eu os tenha provocado, e estão sendo bastante receptivos. Bom, sobre os meus tormentos pós-campo, esse processo de eles quererem “me converter”, fiquei um pouco constrangido, porque ficavam fazendo perguntas sobre minha vida; algumas coisas respondi e outras eu omiti. Para não os “ofender” fiquei calado em algumas situações que eles me provocavam a falar [...]. Outra indagação pós-campo é que eles, observando a minha seriedade, deram pouca demonstração de afetividade, sentimento ou algo que possa ser interpretado como sentimental. Era interpretado como distante do sagrado. A minha indagação é a seguinte: quando uma pessoa, seja ela num culto, em círculos de oração, vigílias, célula, demonstra uma expressão corporal de “choro”, aquilo que concebemos como “tristeza”, para o evangélico essa performance é um sinal de que a pessoa está sendo tocada por Deus, pelo Espírito Santo, logo, chegou à ideia de que, *o emocional ou o sentimento é símbolo de uma relação com o sagrado*. Isso é importante frisar porque explica algumas das relações que o pentecostal busca para si, ou seja, está na presença de Deus, ter um relacionamento com Deus, estar sensível ao que Deus fala. O Espírito Santo falou comigo (Registrado no dia 04/12/2016).

Esse momento intermediário foi relevante para analisar percepções anteriores e mesclar com experiências vindouras e, ao mesmo tempo, articular com os conceitos da literatura antropológica e com os conceitos nativos. O momento intermediário pôde me instigar a colocar em suspeita impressões que vou elaborando no decorrer de minha permanência em campo. Esse “colocar em suspeita” essas percepções permite-me questionar interpretações preliminares. Esse momento de experiência que tive com a minha pesquisa, seguiu sucessivamente até a minha saída de campo.

Desta maneira, o movimento de estar em campo e o processo de escrever o diário de campo podem mesclar observação e análise ao mesmo tempo, logo, dois momentos imbricados; e no terceiro momento, colocar em suspeita essa análise e elaborar outra consideração do que eu observei em campo. Esse movimento sucessivo e cíclico acompanha até

hoje a minha pesquisa e os meus pensamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa jornada da pesquisa tive que fazer opções por onde a pesquisa iria seguir, logo, algumas lacunas ou provocações emergiram no decorrer do trabalho. Dentre essas provocações, que não poderei debruçar-me no momento, uma delas é entender se: na divisão dos gêneros, na distribuição do trabalho religioso, as mulheres acabam por desempenhar um papel importante no que diz respeito a serem elas um centro gravitacional para atrair membros para instituição religiosa? A outra situação está em compreender o trabalho religioso pedagógico dedicado pela liderança da Igreja ao exercício da incorporação da religiosidade pentecostal nas crianças. Qual a percepção religiosa dessa criança? E como são administradas e articuladas as técnicas pedagógicas na reprodução e produção da religiosidade pentecostal na infância? Desta maneira, a pesquisa pode direcionar para várias possibilidades.

Por fim, pude demonstrar onde se encontra meu campo de pesquisa, os primeiros movimentos e provocações que tive na pesquisa, assim como meu posicionamento em algumas situações constrangedoras, e como isso pode ser capitalizado para pensar o campo. O procedimento etnográfico no percurso da análise tem um efeito complexo e cíclico. De modo geral, aponta como me posicionei em relação aos conceitos nativos e antropológicos e os desdobramentos. Logo, esse ensaio metodológico tem como proposta compartilhar a minha experiência no decorrer da pesquisa que desenvolvi ao longo de um ano.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Organização e seleção de Sergio Micel. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 39, n. 1, 1996.
- FONSECA, Claudia. Trajetória de uma antropóloga com sotaque: entrevista com Claudia Fonseca **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, jul./dez. 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 213p.
- [HTTP://opinioeopalavras.com/politica-e-opinioe/item/352-algumas-consideracoes-sobre-os-pentecostalismos-em-macapa](http://opinioeopalavras.com/politica-e-opinioe/item/352-algumas-consideracoes-sobre-os-pentecostalismos-em-macapa). Acessado em 20/05/2017.
- ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil.

Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 383-395, jul./set. 2011 - ISSN: 2175-5841.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SIQUEIRA, Paula. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. Tradução: Paula Siqueira. **Cadernos de campo** n.13, p. 155-161, 2005.

SOUZA, André Ricardo de. O Pluralismo Cristão Brasileiro. **Caminhos**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 129-141, jan./jun. 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O Nativo Relativo. **MANA**, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, jun. 2002.

RELIGIÃO E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: PERCURSO METODOLÓGICO PARA CONSTRUÇÃO DE UMA PESQUISA

Claudia Neves da Silva¹

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas temos observado um fenômeno que atinge todas as cidades brasileiras: o crescimento do número de igrejas e a presença significativa de jovens participando de celebrações e movimentos religiosos. Fato que nos chama a atenção, tendo em vista que as instituições religiosas exigem compromissos e orientam, por vezes impõem normas de conduta, como proibição do sexo antes do casamento, discricção no vestir e no consumo de bebidas alcoólicas. E foi a partir desta constatação que surgiu o interesse de estudar porque houve o aumento da participação de jovens nas igrejas.

Antes de continuarmos, é importante destacar que o universo da pesquisa constitui-se dos jovens que frequentam as denominações religiosas na cidade de Londrina PR. O fato de ser uma cidade de médio porte não impediu de expandir as considerações para os jovens das demais cidades, já que se verifica que o aumento de igrejas e movimentos religiosos ocorre em todas as cidades brasileiras.

Para entender o fenômeno religioso e suas repercussões entre os jovens, além da base teórica pautada nas contribuições de pesquisadores da área das ciências humanas – Pierre Bourdieu, Otto Maduro, Zigmunt Bauman - recorreremos às técnicas investigativas da Antropologia, como a observação participante de celebrações religiosas em diferentes dias da semana e de variadas denominações, com a finalidade de verificar *in loco* como os jovens se comportavam e se manifestavam durante estas celebrações: as falas, os gestos, as expressões, os cantos; suas características físicas e sociais, isto é, sua maneira de agir e ver o mundo, suas ações e atitudes quando estão em grupo. Enfim, o *habitus* do grupo e do jovem (SILVA; TERUEL; SILVA, 2017).

Conforme Bourdieu (1983), o *habitus* está na matriz de práticas que são produzidas e reproduzidas cotidianamente por indivíduos e coletividades, assegurando, dessa forma, homogeneidade, harmonia, unidade e regularidade a estas práticas. Tais características, no entanto, não são reconhecidas por estes mesmos indivíduos, porque adquiridas e

¹ Doutora em História (UNESP – Assis SP), Profa. Associada do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina/Uel. Membro do Laboratório de Estudos das Religiões e Religiosidades. E-mail: claudianeves@uel.br

introjetadas na família, na escola, na igreja, no clube e reforçadas cotidianamente.

Portanto, as roupas – vestido, camisa, calça, acessórios, calçados – dão pistas reveladoras do segmento social ao qual a pessoa pertence, assim como a presença de maior número de carros – populares ou não, novos ou antigos – no estacionamento ou próximo à igreja também revelam a origem social de seus frequentadores.

Da mesma forma, a análise e compreensão do discurso/sermão do líder religioso tornou-se uma importante variável para identificar o perfil socioeconômico (tanto do emissor quanto dos receptores), pois um sermão/homilia com menor complexidade teológica revela característica de uma formação escolar básica, ou ao contrário, pode revelar que as pessoas são de segmento sócio econômico de média e/ou alta renda, portanto, com significativo nível de escolaridade (SILVA, 2008).

De posse dos dados das observações das celebrações religiosas, definimos o número de sujeitos que seriam nossas fontes orais para entendermos a presença significativa de jovens em igrejas. Ao final do culto, abordávamos os jovens e os convidávamos a participarem da pesquisa por meio de uma entrevista concedida ao pesquisador. O roteiro de entrevista continha perguntas que versavam sobre as motivações para irem à igreja, frequência, e a relação com os demais membros da igreja. A seguir, solicitávamos que indicasse um jovem que poderíamos também entrevistar, seguindo a técnica bola de neve.

Essa técnica é usualmente utilizada por pesquisadores da área da saúde, como Medicina, Enfermagem, mas também é um importante instrumento de coleta de dados dos pesquisadores da área de Ciências Humanas. Conforme Baldin e Munhoz (2011, p.332):

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”).

Quando iniciamos as entrevistas seguindo um roteiro semiestruturado e, logo a seguir, a análise das respostas, verificamos que elas começaram a repetir. Assim, seguindo a “amostragem por saturação”, delimitamos o número de jovens entrevistados em 30 (trinta)².

Decidimos por utilizar a “amostragem por saturação”, em virtude de

² As observações das celebrações religiosas, entrevistas e sistematização dos dados contaram com a importante participação das bolsistas de Iniciação Científica.

as entrevistas não apresentarem mais dados significativos que levariam a possível reorientação na análise dos dados. Segundo Fontanella (et al, 2008, p. 17):

[...] as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados.

No decorrer da investigação, voltamo-nos para os estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, tendo em vista que

[...] cotidianamente observamos estes estudantes expressarem por meio de suas falas, princípios e valores religiosos, apresentarem comportamentos baseados nestes princípios e valores e carregarem junto ao corpo símbolos religiosos, demonstrando que também faziam parte deste universo de homens e mulheres que acorrem às igrejas em busca de resposta e conforto para suas dúvidas e medos (TIEMI; SILVA, 2016, p.440-441).

Para realização da pesquisa junto aos discentes do curso, aplicamos um questionário àquelas que ingressaram no período de 2006 a 2009, totalizando 8 (oito) turmas do curso. No ano de 2012, aplicamos o questionário aos discentes que entraram no ano de 2009, quando estavam na última série do curso, com a finalidade de fazer um estudo comparativo dos dados da referida turma da primeira à quarta série (TIEMI; SILVA, 2016, p.442).

Após análise dos questionários, constatamos que

A religiosidade permanece significativa na vida dos jovens universitários, não obstante os conhecimentos repassados estarem fundamentados no método do conhecimento científico, distantes do referencial teológico, o qual está baseado em dogmas doutrinários e práticas religiosas (TIEMI; SILVA, 2016, p.454).

Diante dos resultados verificados junto às discentes do curso de Serviço Social, nossas indagações foram dirigidas para os demais estudantes universitários da Universidade Estadual de Londrina, objetivando entender como conciliam princípios e valores religiosos com a formação acadêmica, a qual está fundamentada em conceitos científicos.

Assim, no ano de 2014 iniciamos a investigação navegando pelas redes sociais, tendo em vista que são ferramentas largamente utilizadas pelos jovens, entre outras finalidades, para manifestar e divulgar sua fé,

por meio de mensagens e adesão aos grupos e páginas religiosas. E “encontramos canais do *youtube* com uma diversidade de mensagens e pregações religiosas direcionadas aos jovens, e que podem ser acessadas a qualquer hora do dia” (SILVA; TERUEL; SILVA, 2017, p. 164).

Concomitante à pesquisa nas redes sociais, iniciamos a etapa de definição do universo da pesquisa; foi quando nos deparamos com um problema de ordem metodológica: como investigar as manifestações religiosas de 17 mil estudantes da Universidade Estadual de Londrina? Diante desta dificuldade, delimitamos

[...] como amostra da população pesquisada os estudantes que participam dos grupos de oração que ocorrem no espaço da Universidade: GOU - Grupo de Oração Universitário, ligado à Igreja Católica e o POCKET, que reúne membros das Igrejas Evangélicas. Estes grupos ocorrem, semanalmente, no campus sendo espaço aberto a todos os interessados. A equipe do projeto solicitou autorização dos coordenadores para participar das reuniões, que ocorreram entre os meses de junho e agosto de 2015 (SILVA; TERUEL; SILVA, 2017, p.164).

Além das observações das reuniões, foram realizadas entrevistas com aqueles que participavam desses grupos. E após análise dos dados coletados, constatamos que também os estudantes que frequentam os grupos de oração

No momento de definir seu futuro profissional, o jovem estudante se baseia em razões de mercado ou aptidões pessoais para sua escolha. No entanto, a busca por orientação ou ajuda no plano sagrado revela que valores e princípios religiosos por vezes determinam os caminhos a serem seguidos para enfrentar situações cotidianas (SILVA; TERUEL; SILVA, 2017, p.167-168).

A partir do resultado da pesquisa junto aos estudantes universitários, destacamos que se torna cada vez mais premente discutir a temática religião, tolerância e respeito no interior da universidade, já que a instituição não está isolada ou acima do que ocorre na sociedade. O debate torna-se uma possibilidade de combater e superar situações como intolerância, desrespeito, violência que diariamente é presenciada, ou vivida, pelos jovens universitários.

JUVENTUDE E SUAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

Procuramos conhecer e entender as razões dos jovens participarem e comporem os índices que se associam ao aumento do número de igrejas

que incentivam uma religiosidade com base na emoção, nos problemas e situações individuais. A partir das respostas dos jovens, universitários ou não, verificamos que há um vazio que precisa ser preenchido para enfrentar as diversidades do dia a dia – conflitos familiares, problemas de saúde, competição no trabalho, na universidade. Situações que não são devidamente respondidas pela ciência, além de provocarem sentimentos como solidão, melancolia, tristeza.

Por meio de observações das celebrações religiosas, de entrevistas com membros das igrejas que fizeram parte do universo da pesquisa, da aplicação de questionários junto às estudantes do Curso de Serviço Social, e aos estudantes que participavam dos grupos de oração que ocorrem no campus, foi possível perceber aspectos em comum no que diz respeito aos motivos citados anteriormente.

Partimos do fato de que as pessoas estão reconstruindo o que chamamos protagonismo. Os jovens são o exemplo mais claro e forte que identificamos. Este protagonismo é a maneira como o jovem grava sua participação na sociedade por meio da inserção em espaços onde se relaciona com outros indivíduos, praticando atividades que atende às suas aspirações e às aspirações do qual faz parte.

É uma forma de integrar-se, de pertencer a um determinado grupo, de participar de uma determinada atividade. É o indivíduo responsável por sua inserção na sociedade, no mercado de trabalho, no acesso aos serviços da comunidade. Todavia, não nos deteremos no conceito de protagonismo, pois como bem destacou Carlos Xavier (2015, p.89): “O protagonismo juvenil é um conceito multifacetado, cheio de significados distintos e que muitas vezes se confunde com outros não menos complexos como responsabilidade social, cidadania, participação...”.

Outro aspecto citado pelos jovens entrevistados é que na igreja há a formação de um círculo de amigos que chamam de “família”, porque sentem que têm com quem “contar”, que têm amigos que estão buscando o mesmo objetivo, que fazem parte de um grupo: “É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscando a mesma coisa que você, ter o mesmo foco que você”.

Diferentes como indivíduos, mas iguais na fé e na escolha da mesma denominação religiosa, o indivíduo se identifica e se iguala conforme o grupo em que se insere. A partir disso, o sujeito passa a ser semelhante aos outros membros do grupo.

Contudo, também verificamos que as instituições religiosas buscam adequar-se ao fiel. Se o jovem quer ir à igreja sem precisar esconder a tatuagem ou tirar o *piercing*, então existirá uma igreja desse jeito. Se a mãe de família busca a cura da enfermidade, busca a salvação do casamento, existirá uma igreja que valoriza e investe nos princípios da família.

A procura por um local ou mesmo práticas e atividades que possibilitem ter (ou ao menos a sensação de ter) o controle da própria vida leva a mudanças de atitude e de comportamento. A conversão representa um marco na vida dos fiéis, o “antes e depois” da conversão. Proporcionam uma experiência emocional, afetiva e espiritual. Antes se consideravam egoístas, não tinham paz, saúde, estabilidade financeira, relações familiares e/ou sociais satisfatórias, felicidade, disciplina. O que tinham eram doenças, depressão, câncer, brigas familiares, dependência química (SILVA; LANZA, 2014).

E foi o que verificamos nas falas dos jovens entrevistados, que informaram que após a conversão, adquiriram o que faltava. Eles identificam que aquele lugar, aquela prática lhes permite encontrar o que foram buscar e que a partir da conversão há uma mudança significativa em suas vidas: o que era ruim ficou bom, o que não havia cura encontra solução, as práticas tidas como erradas dão lugar às corretas, superam-se as angústias imediatas.

Na conjuntura atual, buscam-se relações pessoais fundadas no afeto, no desejo de ser feliz, na satisfação e no prazer, tendo a liberdade individual e a liberdade de escolha como essenciais para a conquista da felicidade no plano terreno, assim como se destaca a importância de viver o presente, o agora, o dia-a-dia, não cabendo a necessidade ou a obrigação de dedicação e filiação a uma luta ou causa, seja ela social, política ou ambiental, porque não estaria diretamente ligada ao cotidiano e os resultados se dariam em longo prazo (SILVA, 2008).

Dessa forma, as igrejas são escolhidas à medida que apresentam relações seguras, relações de proximidade, relações fundadas no afeto, no cuidado. Os fiéis apresentam a necessidade de se sentirem cuidados, animados, fortificados. Buscam um espaço que lhes ofereça a cura da enfermidade, a resolução de um problema. Mas esta resolução tem que vir de um lugar forte, que com disciplina os oriente a dirigir suas vidas. Segundo as declarações colhidas nas entrevistas, uma instituição que lhes ofereça disciplina, que defina limites para conseguirem viver em harmonia com o mundo (SILVA, 2015).

A busca por uma igreja na qual possa vivenciar uma prática religiosa deve adequar-se ao estilo de vida, de pensar, de agir do novo crente. Este crente, cuja identidade se constitui em sua interação e experiências sociais, também se reconstitui e se reestrutura em uma troca contínua com os demais, possibilitando-lhe definir e redefinir seu sentimento de pertencimento a um determinado grupo social.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir da pesquisa de campo - visita às igrejas, aos grupos de oração que se reúnem na universidade, aplicação de questionários - e da análise do discurso oral, verificamos que os jovens estão em busca de igrejas, e movimentos religiosos, em que há a valorização das emoções, não haja censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria.

Há nos relatos uma valorização das situações em que os entrevistados foram recebidos por pessoas na porta das igrejas com sorriso nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras. Da mesma forma, a ida à igreja passou a ser uma possibilidade de encontrar respostas ou conforto para situações e problemas do dia a dia, porque é o *locus* onde encontram homens e mulheres portadoras de *habitus* similares.

O reforço da religiosidade possibilita aos jovens resistirem e se fortalecerem perante as agruras da vida cotidiana, por meio dos princípios morais e religiosos. Cada pessoa escolhe a sua própria igreja ou denominação, a sua própria crença, atendendo aos objetivos e demandas de seu cotidiano.

Constatamos também que investigar as manifestações religiosas na contemporaneidade a partir de uma perspectiva, não possibilita entender as diversas causas do processo religioso na atualidade e as motivações sociais, políticas e econômicas imbricadas nas teias do mercado religioso ou na sociabilidade cotidiana dos sujeitos.

Analisar sua construção histórica e as relações sociais que estabelecem no campo religioso amplia o entendimento acerca das manifestações culturais religiosas. E estudar estas manifestações pelas diferentes áreas do conhecimento - Sociologia, Antropologia, História, Psicologia - poderá adquirir contornos inesperados, porque descortinará uma nova compreensão da realidade, um novo olhar sobre o presente (SILVA, 2015)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Baldin e Munhoz. *Snowball* (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. PUC, Curitiba, 7 a 11 de novembro de 2011. (p.329-341)
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto

Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. In: *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1):17-27, jan., 2008.

IBGE. *Censo Demográfico 2010 -Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: set./2012.

KEHL, Maria Rita. *Juventude como sintoma da cultura*. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade – trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes*. Petrópolis: Vozes, 1983.

MORI, Vanessa T.; SILVA, Claudia N. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 7, nº 1, 2016, p. 439-457. Disponível em: <file:///C:/Users/silva/Downloads/1131-4464-1-PB.pdf>

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude – alguns contributos*. In: *Análise Social*, Vol. XXV, 1990, 139-165.

SILVA, Claudia Neves. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2008.

SILVA, Claudia Neves. Manifestações religiosas de jovens na contemporaneidade: experiências pentecostais cotidianas. *ANAIS XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 27 a 31/jul./2015. p. 1 – 11. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1436177835_ARQUIVO_SNH-comunicacaocompleta.pdf

SILVA, Claudia Neves; LANZA, Fábio. Jovens universitários e pertencimento religioso: conciliando religião e laicidade. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 8, Évora, 14 a 16/abril/2014. *Anais...* p. 1-12. Disponível em: http://historico.aps.pt/viii_congresso/VIII_ACTAS/VIII_COM0731.pdf

SILVA, Claudia Neves; TERUEL, Júlia Mirian; SILVA, Alessandra Tosti. Manifestações Religiosas no Espaço Acadêmico: Interferências no Processo Pedagógico. *Rev. Ens. Educ. Cienc. Human.*, v. 18, n.2, p. 163-168, 2017.

SZAPIRO, Ana Maria; RESENDE, Camila Miranda de Amorim. Juventude: etapa da vida ou estilo de vida? In: *Psicologia & Sociedade*, 22(1): 43-49, 2010.

XAVIER, Carlos Alberto Silva. *Participação política dos jovens estudantes do ensino médio e profissionalizante do CEEP Prof^l. Maria do Rosário Castaldi*. 115 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2015.

CONSIDERAÇÃO INICIAL

Os gêneros do discurso são, de acordo com Bakhtin, “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997, p.277). Isso porque há uma mutabilidade e, conseqüente, variabilidade do gênero em função do evento comunicativo em que foi produzido o texto, fazendo com que suas características constituintes variem de acordo com a função à qual eles se destinam e com o contexto sociocomunicativo em que se inserem. Nessa perspectiva, os gêneros são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera de atividade humana.

Na vida acadêmica, os sujeitos se deparam com gêneros tais como relatório, apresentação oral, resumo, resenha, fichamento, diário de aula e muitos outros. Esses gêneros estão agrupados na esfera acadêmica por dela participarem. Isso porque a utilização do texto em determinados contextos confere ao gênero um reconhecimento social que lhe permite ser enquadrado em determinada família de texto ou agrupamento. Sendo assim, não é necessário criar um novo gênero à medida que se depara com diferentes situações comunicativas. Recorre-se a modelos de texto já disponíveis - ora já internalizados, ora em possível processo de aprendizagem.

Segundo Bakhtin (1997), toda atividade humana está relacionada ao uso da linguagem. Desse modo, “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p.277). Assim, cada *esfera da atividade humana* (esfera cotidiana, do trabalho, científica, jornalística e outras) comporta, de acordo com as condições de produção, de circulação e de recepção do seu discurso, respeitando estilo (verbal), conteúdo (temático) e construção composicional, um repertório de gêneros que lhe são apropriados e necessários e que “vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 1997, p. 262). Por exemplo, mesmo que um resumo analítico e uma sinopse de filme apresentem características discursivas comuns, não podem ser confundidos, haja vista se tratar de gêneros textuais distintos, regulados

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), atuando na graduação em Letras, no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEN) e no Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras). Contato: leticiajstorto@gmail.com

por coerções discursivas socioidelógicas próprias das esferas nas quais circulam.

Segundo Barros e Nascimento, (2008, p. 38), na esfera acadêmica,

Circula uma grande variedade de *tipos relativamente estáveis*: relatório, requerimento, pauta, fichamento, prova, seminário, etc. Se restringirmos o domínio discursivo (Maingueneau, 2005) e nos concentrarmos somente nos gêneros de produção e divulgação de saberes acadêmicos, teremos: conferências, palestras, mesas-redondas, comunicações, teses, dissertações, etc. Já se o foco permanecer em um suporte material específico, os periódicos acadêmicos especializados, teremos os seguintes gêneros: resenha, artigo, ensaio, entrevista, relatório, entre outros.

Nessa esfera, encontram-se os gêneros chamados de “catalisadores da leitura”, os quais servem como registros da compreensão textual. Entre eles, podem-se citar o fichamento, os diários de leitura, a resenha e o resumo (tema deste tópico). Em geral, na vida acadêmica e escolar, esses gêneros catalisadores da leitura são empregados como ferramenta de avaliação e também estão associados à produção e à disseminação do conhecimento. Para isso, eles sofrem certos ajustes no seu processo de desenvolvimento.

Com base nisso, este tópico tem como objetivo discorrer a respeito de um gênero dessa esfera que serve como catalisador de leitura e é muito recorrente no meio universitário: o resumo.

RESUMO: GÊNERO CATALISADOR DA LEITURA

Segundo Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 14), o resumo escolar/ acadêmico “é um dos mais importantes nas atividades escolares e acadêmicas, sendo pedido constantemente pelos professores aos alunos das mais diferentes disciplinas”. Além do mais, as capacidades discursivas exigidas na elaboração de textos pertencentes a esse gênero são também necessárias à produção de outros gêneros acadêmicos, como a resenha, os artigos, os relatórios etc. (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004).

Para Medeiros (2009, p. 112), o resumo “se ocupa de reduzir um texto a suas ideias principais. Em princípio, o resumo é uma paráfrase e pode-se dizer que dele não devem fazer parte comentários e que engloba duas faces: a compreensão de um texto e a elaboração de um novo”, já que para se compreender bem um texto, é preciso analisá-lo com atenção.

Pesquisadores que discutem o gênero resumo tipificam-no de maneira distinta, sem haver consenso entre os “subgêneros” (ou espécies) por eles apresentados. Por isso, pode-se classificar o resumo em:

- **Resumo Escolar/ Acadêmico:** utilizado verificação de leitura ou atribuição de

nota.

- **Resumo Indicativo:** apresenta de modo geral os elementos essenciais do texto-fonte²;
- **Resumo Técnico:** apresenta os elementos do texto-fonte; é a espécie de resumo mais utilizada em trabalhos acadêmicos; expõe os objetivos, métodos, técnicas usadas, resultados e conclusões do texto-fonte/ da pesquisa;
- **Resumo Crítico:** confunde-se com a resenha crítica; tem o objetivo de apresentar uma análise crítica de um texto, por isso é preferível que seja escrito por especialistas; como intenciona expor uma obra, é publicado em revistas e periódicos científicos com a finalidade de disseminar novos estudos (em geral, livros publicados recentemente);
- **Resumo Expandido:** geralmente, apresenta mais de mil palavras (de 1000 a 2000 palavras) e é publicado em caderno de resumos ou em anais de eventos/ congressos científicos.

O resumo “não se trata propriamente de um trabalho de elaboração, mas de um trabalho de extração de idéias, de um exercício de leitura que nem por isso deixa de ter enorme utilidade didática e significativo interesse científico” (SEVERINO, 2007, p. 204). Isso porque tal gênero consiste no trabalho de condensação e/ou sumarização de um texto, de forma a apresentar apenas as suas informações consideradas mais relevantes.

Desse modo, o resumo não se confunde com uma síntese textual, pois não basta sintetizar as informações, é preciso selecionar aquelas que são mais importantes para a compreensão do texto que foi resumido. Assim, existe um trabalho minucioso de leitura e análise dos dados por parte de quem constrói o resumo. Ademais, o resumo é “uma síntese das *idéias* e não das *palavras* do texto. Não se trata de uma ‘miniaturização’ do texto. Resumindo um texto com as próprias palavras, o estudante mantém-se fiel às idéias do autor sintetizado” (SEVERINO, 2007, p. 204 – grifos do autor).

O objetivo desse gênero é catalisar o processo de leitura, para tanto são selecionados os pontos principais do texto. Quando é solicitado como estratégia de avaliação da leitura textual, o resumo objetiva mostrar que foi realizada uma boa leitura do texto, entendendo-se as principais ideias do texto.

Para tanto, o resumo emprega o recurso mental de sumarização, que ocorre durante a leitura (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004). A sumarização não é aleatória, mas se trata de um processo com

² Texto-fonte ou texto original (MACHADO; LOUSADA, ABREU-TARDELLI, 2004) é o material que será resumido.

lógica própria, que possui um plano textual estruturado bem definido nos moldes acadêmicos (com apresentação e referência do texto-fonte) (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004). Ela possibilita a redução das informações, com eliminação das informações acessórias e concentração nas informações básicas.

Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 25-26) apresentam algumas estratégias de sumarização que ajudam na elaboração de um resumo:

- apagamento de conteúdos facilmente inferíveis a partir de nosso conhecimento de mundo (*Paulo era invejoso, ~~queria tudo o que José possuía~~*);
- apagamento de sequências de termos/expressões que indicam sinonímia ou explicação (*Discutiu-se a construção de textos argumentativos, ~~ou seja, aqueles textos nos quais o autor defende determinado ponto de vista por meio do uso de argumentos~~*);
- apagamento de exemplos (No resumo de narrações podem-se suprimir descrições, desde que elas não sejam relevantes. Por exemplo, não há como suprimir a descrição da personalidade de um homem ciumento se é isso que o leva a assassinar sua esposa);
- apagamento de justificativas de uma afirmação (*É preciso fazer as atividades solicitadas pelo professor, ~~para que consiga tirar boas notas e conseqüentemente passar de ano~~*);
- apagamento de argumentos contra a posição do autor (*A pena de morte tem ~~muitos argumentos a seu favor, mas~~ nada justifica tirar a vida de nosso semelhante*);
- apagamento de fórmulas, equações, tabelas, gráficos, ilustrações e afins;
- reformulação das informações, utilizando termos mais genéricos (*Fichou o livro, fez anotações das aulas, fez comentários nos textos lidos, resenhou os artigos, leu e releu tudo. → Estudou para a prova.*);
- conservação de todas as informações, dado que elas não são resumíveis (*Texto é tudo que produz significados dentro de um dado contexto sociocomunicativo*).

A seguir são apresentados alguns procedimentos para a elaboração de um resumo:

adequação ao destinatário do resumo (esse item é importante porque, dependendo do contexto, o resumo focará uma ou outra informação);

- objetivos claros para a produção do resumo;
- boa compreensão do texto-fonte;
- boa seleção das ideias principais do texto (levando-se em consideração o item A);

- fidelidade ao texto-fonte, pois não se pode atribuir ao autor do texto-fonte dizeres que não lhe pertencem;
- interpretação adequada dos atos textuais (o autor/texto: *define, afirma, aborda, conclui, inicia, critica, elenca, classifica, relata* etc.). “No resumo, o autor do texto original aparece como se estivesse realizando vários tipos de atos, que, frequentemente, não estão explicitados no texto original” (MACHADO; LOUSADA, ABREU-TARDELLI, 2004, p. 49). Assim, cabe ao autor do resumo interpretar esses atos no decorrer da leitura e traduzi-los em verbos adequados;
- menção ao autor do texto-base: não tomar as ideias do texto para si, haja vista o produtor do resumo ser um porta-voz daquilo que o autor do texto-fonte diz;
- apresentação clara e objetiva da obra/autor;
- objetividade e nenhuma interferência no texto-fonte (nesse gênero, não cabe nenhum posicionamento crítico do autor do resumo);
- ser redigido em linguagem objetiva e correta;
- apresentar elementos de coesão, que servem para amarrar o texto (exemplo: *mas, porém; aliás; mesmo que, ainda que; logo, portanto* etc.);
- evitar a repetição de frases inteiras do texto-fonte;
- respeitar a ordem em que as ideias ou fatos são apresentados no texto-fonte;
- boa utilização das estratégias de sumarização.

Na construção do resumo, a sua coerência e a sua adequação ao contexto sociocomunicativo em que ele é inserido são fundamentais. Isso porque o resumo deve ser inteligível e compreensível por si só, ou seja, a sua leitura deve dispensar (dependendo do objetivo do leitor) a consulta ao texto-fonte para que se compreenda o conteúdo de uma pesquisa científica.

Outro tipo de resumo muito importante na esfera acadêmica é o **resumo técnico**, aquele que precede trabalhos acadêmicos (artigos, monografias, dissertações, teses etc.) e que também é utilizado na inscrição de trabalhos para apresentação em eventos/ congressos/ seminários científicos. Além das informações anteriores, cumpre salientar alguns itens em relação a esse tipo de resumo.

O resumo técnico tem a finalidade de apresentar as principais informações do trabalho, situando-o para o leitor. Isso porque ele visa a apresentar sucintamente toda a pesquisa realizada. Ele é muito utilizado na seleção de materiais para leitura e pesquisa. Em outras palavras, na fase de pesquisa de textos que serão lidos e utilizados em um trabalho, faz-se a leitura do resumo para saber se o material é relevante, corrobora com a pesquisa e com o ponto de vista adotado, apresenta dados

importantes e inovadores, expõe métodos condizentes com a pesquisa, entre outros. Portanto, esse resumo permite ao seu leitor decidir entre a conveniência ou não de consultar o texto completo, sendo importante constar nele: tema, problema de pesquisa, objetivo(s), hipótese (se houver), justificativa para a pesquisa, teoria em que ela pesquisa está fundamentada, materiais examinados (*corpus*), métodos utilizados, principais resultados e conclusão do trabalho.

Após o texto do resumo, devem constar de três a cinco as palavras-chave, ou seja, palavras que esclarecem, condensam e representam o conteúdo que é discutido.

Exemplo:

A grande utilização de comunicadores instantâneos para a interação entre pessoas localizadas mundo afora e o notável o grau de influência que esse instrumento de comunicação tem gerado na linguagem dos indivíduos despertaram o interesse em analisar se, em conversas digitais, os interlocutores monitoram-se simultaneamente e que modalidade da língua predomina (fala ou escrita). [JUSTIFICATIVA] Partindo disso, foram verificados a linguagem e os processos de monitoramento do falante e do ouvinte em diálogos simétricos entre dois informantes em conversas virtuais, mais especificamente via Messenger [ASSUNTO E OBJETO DE PESQUISA]. Balizados nos estudos da Análise da Conversação [TEORIA EM QUE PESQUISA SE FUNDAMENTA], objetivamos examinar a forma e as características dos processos de monitoramento empregados nessa ferramenta e verificar o seu papel na construção textual e no desenvolvimento da interação entre os participantes do ato comunicativo. Assim como estudar a modalidade de língua empregada nos comunicadores instantâneos [OBJETIVOS]. Como corpus, utilizamos setenta conversas digitais entre dois falantes realizadas via Messenger e gravadas de junho de 2008 a junho de 2009 [MATERIAIS]. A nossa hipótese foi a de que, na dinâmica do texto conversacional, o falante e o ouvinte são igualmente ativos e monitoram continuamente a fala de seus parceiros conversacionais, independente da situação de interação e do suporte em que estão inseridos [HIPÓTESE]. Como o objeto de análise é um evento real de comunicação, a metodologia empregada foi a empírico-indutiva, apresentando-se com natureza qualitativa e interpretativa [MÉTODOS]. De acordo com os resultados das análises, observamos que a língua falada predomina e que as conversas virtuais, realmente, apresentam processos de monitoramento semelhantes aos da interação face a face, pois falante e ouvinte, em ambos os contextos, procuram mostrar ao seu interlocutor que se interessam pela conversa, assim como buscam apresentar-lhe suas dúvidas, sua colaboração, seu apoio, de forma a monitorar o diálogo, atribuindo-lhe a coerência necessária [PRINCIPAL RESULTADO E CONCLUSÃO].

Palavras-Chave: Conversação digital. Língua falada. Monitoramento.

Ainda que a presença desses tópicos/elementos facilite a compreensão do texto-fonte, ainda é comum encontrarem-se resumos em que um ou vários deles não aparecem.

Cumpramos observar que o resumo dispensa a divisão em parágrafos, de modo que é constituído de apenas um parágrafo. Além do mais, o

resumo técnico não deve exceder demais. São suficientes para uma tese de doutorado um resumo de até 500 palavras. As revistas e os eventos/congressos científicos estabelecem, em suas normas para publicação, o número máximo de palavras permitidas para o resumo, exigência que o produtor do texto deve seguir se quiser que seu trabalho seja aceito.

Em monografias, dissertações e teses, deve vir anteposto ao resumo a referência completa da obra a que o resumo pertence. Essa referência deve ser escrita nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se bem redigido, o resumo desperta a e a vontade curiosidade de ler o texto-fonte e pode ser a garantia de aprovação de um trabalho submetido a um evento e/ou congresso. Para isso, é preciso cuidar dos tópicos a serem inseridos, da linguagem e da estrutura do resumo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 261-306.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; NASCIMENTO, Elvira Lopes. O ato de resenhar na e para a academia. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.11, n.1, p.33-57, jan./jun. 2008.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 11. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. ver. atual. São Paulo: Cortez: 2007.

Kaique Matheus Cardoso¹
Fabio Lanza²

INTRODUÇÃO

O presente texto objetiva apresentar possibilidades metodológicas para a realização do trabalho de campo num contexto que diverge dos clássicos cenários antropológicos em que buscava-se compreender o outro, distante, localizado em diferente continente e país. Buscamos apresentar um caminho metodológico elaborado a partir de preceitos antropológicos e sociológicos, evidenciando assim a possibilidade de mesclar ambas as ciências, por meio de conceitos e vertentes, objetivando uma melhor coleta e análise de dados oriundos de novos cenários na atual fase da modernidade brasileira. A metodologia desenvolvida neste trabalho compõe uma dissertação apresentada e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina que buscou compreender as juventudes presente numa Igreja “(neo)pentecostal”³ e suas implicações no cenário religioso. O campo de pesquisa originário desse recorte metodológico foi realizado entre setembro de 2016 e Setembro de 2017, onde a observação e coleta de dados foi realizado semanalmente no culto de uma Igreja (neo)pentecostal voltada especificamente para as juventudes na cidade de Londrina-PR.

APORTE TEÓRICO E PESQUISA DE CAMPO: INDISSOCIABILIDADE ENTRE TEORIA E PRÁTICA

A metodologia de pesquisa e conseqüentemente as técnicas utilizadas para a sua construção devem ser compreendidas enquanto possibilidades, uma vez que elas jamais poderão expressar ou mesmo abranger a totalidade de uma dada realidade social, nem mesmo a

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás. Licenciado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: cardosokm@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR-UEL) e coordenador do PIBID CAPES/Ciências Sociais/UEL. Email: lanza1975@gmail.com

³ A conceituação (neo)pentecostal trata-se de uma compreensão teórica das diferentes ondas pentecostais do Brasil, ver Cardoso (2018).

verdade de uma temática. Entretanto, acreditamos e reforçamos que é possível evidenciar possibilidades, compreensões, aproximações e interpretações objetivas que perpassem as subjetividades dos indivíduos pesquisados e também a dos pesquisadores. As compreensões e organizações observadas são perspectivas, pois só é visto aquilo que nos é dado, não há uma verdade única.

A pesquisa qualitativa, para Becker (1993) possui a vantagem da liberdade, através de perguntas espontâneas e também de atitudes, porém é necessário compreender o ambiente. Brandão (1984, p. 8) enfatiza que "... a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca na pesquisa e através dela", sendo que para Becker (1993, p. 74) "... podem ter vários tipos de atitudes, que vão da pequena variação do número de sorrisos que afeta os resultados até mesmo intervenções muito mais acintosas no funcionamento de uma organização".

A metodologia e técnicas de pesquisa necessitam de preparação e organização prévia, porém no decorrer da pesquisa sempre haverá necessidade de adaptação e reelaboração. Becker (1993) aponta que é complicado para nossa ciência evidenciar algoritmos plenamente detalhados dos métodos percorridos durante o campo, justamente pela quantidade de situações inusitadas e vivências que são possíveis devido este contato direto entre o pesquisador e sujeitos pesquisados. Por vezes as construções teóricas instruem a respeito da elaboração de perguntas, questionários, triangulação de dados e também técnicas de pesquisa, inquestionavelmente auxiliando na investigação.

Definir uma metodologia de pesquisa e conseqüentemente adaptá-la de acordo com as demandas do campo torna-se um exercício básico, evidenciando também a necessidade de abertura e maleabilidade fundamentais para conseguir manter-se em campo. Recorrendo ao aporte metodológico realizamos uma pesquisa qualitativa com observação participante intensiva, num tipo de culto (neo)pentecostal voltado especificamente às juventudes.

Após uma investigação preliminar com diferentes fontes, o primeiro contato com o campo ocorreu numa noite de sábado, em setembro de 2016. Devido experiências de pesquisas anteriores, estávamos cientes de que neste horário e dia possivelmente as juventudes estariam organizadas de alguma forma na instituição religiosa, uma vez que este é um comportamento típico do meio religioso que habitualmente investigamos. Inicialmente ao chegarmos no campo houve uma apresentação sucinta da pesquisa, dos pesquisadores e da instituição de ensino a qual possuímos vínculos, aos pastores e líderes da Igreja em que realizamos nosso campo. Dialogando com as lideranças a respeito de

pesquisas anteriores em outras denominações religiosas e até mesmo comentando sobre os resultados obtidos conseguimos a aprovação para permanecer em campo e realizar a pesquisa junto às juventudes.

Durante um ano, setembro de 2016 a setembro de 2017, frequentamos o culto para os jovens realizado nessa Igreja, aos sábados, entre 19h e 22h30min. Buscamos frequentar outros eventos e cultos especiais, para certificarmos-nos de que os jovens massivamente frequentavam este espaço. Para Brandão (1984) a pesquisa participante não provém de um único método ou mesmo teoria, possibilitando diferentes concepções ao abordar um objeto a ser investigado, em que diferentes metodologias e técnicas de pesquisas resultam num vasto campo de discussão. No caso desta pesquisa em específico, a inserção em campo ultrapassa uma simples coleta de dados, pois envolve convivência, pessoas, sentimentos, afetos, crenças e posicionamentos ideológicos.

Inserir-se em campo, por meio de uma observação intensiva possibilitou um contato direto com o “outro”

quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe da sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história. (BRANDÃO, 1984, p. 12).

Participando da história de vida de alguns jovens ao assumirmos o compromisso de estudá-los e possibilitando que os mesmos também participem da história dos pesquisadores, existem limites fluídos nas relações estabelecidas intencionalmente em campo. O “outro”, aqui compreendido enquanto os diferentes jovens presentes nessa Igreja, também questionam, compreendem, problematizam e partem de epistemologias por vezes opostas às nossas, seja para compreender o desemprego, a saúde, a educação, a política ou mesmo as suas crenças ou descrenças religiosas.

Brandão (1984) ressalta alguns pressupostos existentes nas práticas de pesquisas sociais, como esta que realizamos, onde inicialmente há uma crença na neutralidade científica, no não envolvimento e distanciamento. Entretanto, como o autor pondera, aqueles indivíduos tomados enquanto sujeitos de pesquisa compartilham suas experiências, crenças e só poderemos conhecer com densidade algo cultural ou mesmo pessoal quando há um comprometimento pessoal do investigador com o investigado.

Ainda utilizando Brandão (1984) ao tratar de grupos não valorizados socialmente, compreendemos que as juventudes constituem grupos por vezes excluídos das esferas decisórias, esquecidos nas histórias oficiais e marginalizados em suas organizações, sejam religiosas, políticas,

educacionais, de lazer, entre outras. Durante o campo desta pesquisa buscávamos nos aproximar constantemente dos jovens, nos momentos de louvor e adoração, nos momentos que antecediam o culto e também no lazer posterior ao culto. Estar em campo exige grande participação e disposição dos pesquisadores, não a ponto de transformarmos-nos em fiéis, prostrados ao chão em transe religioso, mas minimamente realizando os comportamentos esperados por todos que compartilham daquele espaço.

Minayo (2000) ressalta que a interação entre pesquisado e pesquisador, por vezes é a essência de uma observação participante. Uma vez que ambos interferem na construção da própria realidade social onde torna-se impossível qualquer pressuposto de neutralidade em campo. Dessa forma, a observação participante

... se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais evasivo na vida real (MINAYO, 2002, p. 59).

Hanguette (2003) enfatiza que a observação participante é um constante processo interativo entre a teoria, os métodos, os pesquisadores, os pesquisados, a busca pelo conhecimento e o compartilhamento de problemáticas diárias. Importante frisar algumas diferenças epistemológicas, uma vez que a autora faz referência a observação participante e não a pesquisa participante com observação intensiva. Porém, nossa metodologia é contemplada através da caracterização elencada por Minayo (2002). Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa foram múltiplos e por vezes questionáveis, visando sempre uma melhor forma de apreensão da realidade social.

Minayo (2000) emprega algumas modalidades da observação participante, sendo possível aproximações entre tais definições e nossa realidade em campo. O participante como observador tende a manter relações informais de vivência, aproximando-se de acontecimentos que considera importante e também no cotidiano proposto a ser investigado, havendo consciência dos dois lados de que é um trabalho de campo. Porém a autora reconhece que os papéis por vezes são estereotipados, com finalidades apenas analíticas, em que se torna impossível para os pesquisadores ao longo de uma pesquisa de campo manter-se estritamente dentro de determinados parâmetros. A observação

participante é um processo mútuo, constantemente elaborado pelos pesquisadores e pelos pesquisados.

A passividade na observação é diretamente associada ao grau de participação em campo, sendo que nessa categorização o pesquisador tenta observar por detrás de uma tela, impossibilitando aos sujeitos pesquisados ver o indivíduo que os observa. Conseqüentemente a interação é mínima e a aproximação é distanciada, apesar de uma proximidade física entre os pesquisadores e pesquisados. Numa completa oposição, o observador participante ativo se integra de fato ao grupo que ele estuda, possibilitando interações diretas e até mesmo um sentimento de pertença e aceitação (CICOUREL, 1980).

Para Cicourel (1980) quanto mais intensa a participação maior a vantagem e possibilidade de apreensão e compreensão das atividades relacionadas ao grupo estudado. A abundância de dados não consiste numa garantia de qualidade da investigação, porém gera uma riqueza inigualável. No entanto o campo de pesquisa realizado nesta investigação fez com que evidenciássemos as reais motivações e finalidades de nossa permanência naquele ambiente, não escondendo nossas reais intensões e finalidades, porém esse cenário de pesquisador se mesclou com o do “irmão”, “fiel” ou mesmo do “crente”. Nossa presença enquanto pesquisadores, por vezes ficou em segundo plano, não tendo importância, apesar de nossos constantes questionamentos, perguntas e curiosidades, revelando assim a impossibilidade de realizar uma pesquisa utilizando-se apenas de uma metodologia ou técnica (BRANDÃO, 1984).

Evidentemente, em campo, por vezes optamos por ser pesquisadores com interação mínima em que priorizamos apenas observar, mas em outros momentos tornava-se nítida a necessidade de interagir com os jovens, oscilando sempre entre diferentes polos que correspondem justamente a tipologia de participante como observador ou observador total. Em certa ocasião, já há longos meses em campo um dos jovens mais influentes e proeminentes deste agrupamento, começou a falar sobre política, defendia assiduamente as políticas de privatização do ensino, da saúde e via em João Dória, prefeito da cidade de São Paulo no ano de 2017, o máximo exemplo de um bom e eficiente político, alinhando-se também a Beto Richa, governador do estado do Paraná e Bolsonaro, deputado federal pelo Rio de Janeiro.

De todos estes três políticos citados, apenas o governador não se alinha diretamente com uma perspectiva religiosa de matriz evangélica pentecostal. Para o jovem estes são políticos exímios que deveriam governar o país, impor o toque de recolher aos jovens e aplicar condutas morais cristãs através do governo, entre outras medidas extremas e polêmicas oriundas de contextos ditatoriais. Nestes momentos, sem

dúvidas apenas observávamos, não discutíamos, nem mesmo concordávamos, além é claro de enfrentar conflitos internos, relacionados diretamente aos valores morais e sociais que carregamos.

Porém em outras ocasiões dialogamos calorosamente com duas jovens a respeito da qualidade do ensino público e da legalidade do sistema de cotas para acesso às universidades do país. Ambas possuíam pensamentos que se alinhavam aos nossos, visando uma escola pública de qualidade, um ensino superior gratuito e acessível, concordando que existe necessidade de cotas ou reservas de vagas, como estratégia das políticas de ação afirmativas que visam a superação das desigualdades brasileiras.

Ao encarar a relação com os jovens pesquisados sempre enquanto um compromisso ético e científico era notório que incontáveis aspectos nos eram semelhantes, tais como nossos conjuntos simbólicos e materiais, além é claro de uma nítida reciprocidade em relação às nossas vestimentas e por vezes estilos juvenis. A fronteira entre os sujeitos pesquisados e os pesquisadores, por vezes tornava-se frágil, porém em outros momentos demarcava-se fortemente, fazendo com que nem mesmo a língua, códigos, governo e país fossem capazes de significar alguma proximidade entre pesquisadores e pesquisados.

Nos primeiros meses de pesquisa de campo participamos de um curso de integração à comunidade religiosa, realizado em quatro encontros nas tardes de sábado que objetivava apresentar a história da instituição, a trajetória dos pastores, ministérios e também das demais lideranças. Adentrando tal espaço, conduzido por uma das pastoras, pudemos dialogar com ela a respeito de diferentes elementos históricos da Igreja, uma vez que esta surgiu de um rompimento da comunidade e do pastor líder com a Igreja do Evangelho Quadrangular. Esta líder por vezes conversava a respeito das juventudes presentes naquele espaço, enfatizando até mesmo que uma amiga e pastora, também estudante de pós-graduação, realizava pesquisa semelhante numa Igreja do interior de São Paulo.

Tal afirmação confirmou e proporcionou mais legitimidade e tranquilidade em campo, evidenciando que as lideranças de fato tinham ciência da realização da pesquisa, apesar de não compreenderem os pormenores do trabalho. Um dos pastores semanalmente questionava o andamento do trabalho, se interessava em saber como estavam as aulas na Universidade em que somos vinculados e fazia outras breves perguntas, mas de modo geral demonstrava sempre atenção e preocupação com os pesquisadores. Os procedimentos e técnicas metodológicas em nenhum momento intentaram entrevistas formais, com roteiros definidos e fechados, porém ao longo da pesquisa de campo as lideranças pastorais incontáveis vezes se ofereciam a dar entrevistas,

explicações ou mesmo falar sobre a história do surgimento da Igreja.

Ir à campo e confrontar, conviver diretamente com a subjetividade do outro, implicava numa série de questões teóricas e de ordem prática. Para a comunidade em geral, nossa pesquisa só se iniciaria após a aplicação de um questionário formal e fechado. Por vezes tentávamos dialogar que a pesquisa já estava em andamento, através de conversas, observações, questionamentos e que o questionário não seria uma metodologia utilizada para o desenvolvimento da dissertação. Enfatizamos que as técnicas podem ser múltiplas e os recursos também, a investigação ocorrera a todos os instantes, uma vez que participar observando era nosso principal recurso metodológico, seguido do diário de campo⁴.

Durante todo o campo produzimos a clássica caderneta do antropólogo ou mesmo o diário de campo, nas concepções de Minayo (2000). Dúvidas, angústias, cansaço do campo e até mesmo descompassos pessoais foram registrados num documento digital. Minayo (2000) enfatiza que o diário e as informações lá apreendidas dão todo e qualquer subsídio necessário para realizar uma análise. Becker (1993) ressalta a importância das anotações diárias, registrando as observações o mais rápido possível após fazê-las, sendo necessário reparar nas pessoas, nas interações e também nos conteúdos de tais interações e se possível até mesmo realizar transcrições literais de conversas.

Todos os sábados após chegarmos do culto por horas nos debruçávamos na confecção da escrita do diário, esforçando-nos para cruzar as informações com os dados obtidos anteriormente. As anotações consistiam em nomes, origens, situação familiar, a forma como conheceram a Igreja e também os vínculos com as lideranças e demais membros. Não recorremos a nenhum documento formal, porém semanalmente ao longo de um ano, anotamos, escrevemos e traçamos o perfil dos jovens com quem convivíamos, possibilitando assim construir os percursos de nove jovens, enfatizando suas origens, filiações, trânsitos religiosos e perspectivas. Concomitantemente acumulamos vasta gama de informações a partir do campo perpassando diferentes temáticas.

Para os jovens dessa Igreja em que realizamos o trabalho de campo, por vezes havia estranhamento quando explicávamos nosso tema de pesquisa ou mesmo os motivos de frequentarmos semanalmente aquela localidade. Constantemente estávamos em troca com os jovens, seja de ideias, diálogos ou mesmo informações, porém nem sempre tal troca era tão produtiva com todos, “vejo-me diante de gente de carne e osso. Gente

⁴ As anotações decorrentes das observações e dados coletados foram registradas em arquivo eletrônico em formato *word*, gerando dezenas de páginas com informações relevantes à pesquisa.

boa e simpática, gente sabida e estúpida, gente feia, bonita” (DA MATTA, 1978, p. 25). Por estes e vários outros motivos, ao longo de um ano em campo as relações vão se modificando, os jovens que inicialmente eram-nos próximos e facilitadores da pesquisa, afastaram-se, mas outros ocuparam este lugar, evidenciando assim um campo com alto fluxo de informações e pessoas.

A convivência em campo proporciona ricas e diversas situações com os sujeitos pesquisados. Em certas ocasiões, ao questionarmos determinadas jovens a respeito das trajetórias familiares religiosas, elas recorriam diretamente aos pais que são pastores da denominação investigada, agindo com demasiada naturalidade, respondendo não apenas meus questionamentos, mas evidenciando incontáveis outros aspectos relevantes para nossa investigação.

Como forma de conduzir uma conversa informal que gerasse informações relevantes para esta pesquisa, sempre que encontrávamos espaço, reciprocidade e possibilidades, lançávamos questionamentos pontuais aos jovens. Por vezes contávamos com um mínimo roteiro de perguntas⁵, partindo sempre de um eixo temático que se desdobraria numa infinidade de dados. Ao buscarmos prioritariamente apreender informações a partir do cotidiano dos jovens, obtínhamos dados extremamente relevantes.

Foot White (1980, p. 82) ressalta que

... na medida em que sentei e ouvi, obtive respostas para perguntas que nem teria feito se tivesse obtendo informações somente através de entrevistas. Naturalmente não abandonei todas as perguntas. Aprendi apenas a avaliar a susceptibilidade da pergunta e o meu relacionamento com as pessoas de modo que só fazia perguntas em uma área sensível quando estava seguro de que meu relacionamento com a pessoa era sólido.

Em incontáveis momentos permanecíamos na roda de conversa, escutando, sorrindo e interagindo de forma contida, as informações eclodiam sem nenhum questionamento prévio. A proximidade etária entre pesquisados e pesquisadores também permitia aos jovens dispor de grande liberdade na relação, quando algo era realmente surpreendente apenas questionávamos alguma parte da narrativa, demonstrando interesse, respeito e sem emitir julgamentos.

Assim nos deparamos com dados sobre trajetórias de jovens, das lideranças, compreendemos as relações da Igreja com as demais concorrentes do cenário (neo)pentecostal, além de ter ciência da condição social e histórica de alguns jovens. Compreendemos e vivenciamos disputas e desavenças internas, amizades que se desfizeram, pessoas que

⁵ Mental e não físico (impresso, digital, outros).

se afastaram da religião, relacionamentos entre os jovens, histórias de aventuras que envolviam sexo, drogas, acidentes e festas, entre inúmeras outras situações e acontecimentos.

As informações apreendidas durante tais conversas eram anotadas no aparelho smartphone pessoal, onde rapidamente inseríamos aspectos centrais como nomes, origem familiar e por quais Igrejas o jovem já havia passado. Quando observávamos que não havia espaço ou mesmo a conversa estava muito densa, para não constranger os jovens nem mesmo evidenciar desinteresse, mantínhamos o diálogo e ao término transferíamos as informações mais relevantes para o smartphone, possibilitando assim a organização das ideias centrais, para que posteriormente anotássemos no diário de campo.

Após um ano em campo dedicando os sábados das 19h às 00h30min à pesquisa, o cansaço físico, limitações pessoais e prazos para conclusão do trabalho começaram a emergir e tornaram-se aspectos de grande preocupação e atenção. Por vezes devido o contexto e cansaço os pesquisadores deixavam de olhar, observar e investigar elementos significativos do campo. Após uma avaliação de todo o trajeto e materiais obtidos, decidimos por encerrar o trabalho de campo, buscando não extrapolar as relações já estabelecidas com os sujeitos de pesquisa. A opção de deixar o campo, consistiu num exercício de ética em pesquisa. A frequência a um culto religioso por um ano também tornou-se uma batalha pessoal e emocional. Compartilhar por horas de ritos religiosos e discursos morais tornou-se extremamente difícil e a coleta estava saturada, bem como, passaram a gerar desconfortos pessoais aos pesquisadores. Tais desconfortos, constantemente sentidos em campo, jamais puderam ser questionados naquele espaço pois sempre buscamos evitar quaisquer possibilidades de conflito com a comunidade religiosa. Dispor-se a uma pesquisa de campo exige que se permaneça aberto, atento, disposto e fundamentalmente sendo uma pessoa receptiva e também carismática.

O campo não foi esgotado, as informações e relações são contínuas, semanalmente surgiam novas temáticas e problemáticas passíveis de investigações, mas enquanto pesquisadores, também imbuídos de uma subjetividade e valores, chegamos ao limite. Saímos de campo de forma sutil e com as relações preservadas com os jovens e as lideranças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas de cunho metodológico etnográfico compreendem uma variedade de noções, implicações e possibilidades, desdobrando-se num vasto referencial teórico, tanto na Sociologia quanto na Antropologia. O campo de pesquisa pode ser analisado e também

vivenciado de acordo com diferentes metodologias, conseqüentemente as variadas áreas científicas tendem a extrair as informações por diferentes caminhos. A definição do caminho metodológico se faz extremamente valiosa, uma vez que possibilitará a organização e sistematização dos dados, além é claro de constantemente contribuir para a reflexão a respeito do objeto, da sociedade e de nossas próprias formas de relação social. Estar em campo por um ano foi uma fase com rica possibilidade de obtenção de dados, parte deles inéditos que possibilitaram a produção da dissertação, bem como, poderão compor futuros trabalhos no âmbito pessoal e da equipe do Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades.

A compreensão sobre os jovens, seus estilos associados com a trajetória e adesão religiosa, a partir da convivência semanal em seu culto específico vinculado a uma igreja (neo)pentecostal possibilitou a vivência de situações *sui generis*, inusitadas, por vezes embaraçosas, mas que constantemente nos remetia a bibliografia metodológica e também sobre a temática das religiões e juventudes. Inicialmente pensávamos hipoteticamente a respeito dos trânsitos religiosos dos jovens, imaginando que os mesmos eram oriundos de religiões católicas, espíritas ou mesmo não tinham práticas religiosas assíduas, porém com a pesquisa desenvolvida, obtivemos informações contraditórias às esperadas, sendo as juventudes da Igreja que investigamos totalmente oriunda do próprio meio pentecostal, mas que buscavam desvincular-se das instituições religiosas familiares, buscando eles próprios construir seus caminhos. Desta forma, o campo possibilitou novas e incontáveis informações que foram/serão ser apuradas através de processos de interpretação e compreensão teóricos-metodológicos das Ciências Sociais, em especial, da Sociologia e Antropologia.

REFERÊNCIA

- BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BRANDÃO, C. R. Participar-pesquisar: In: BRANDÃO, C. R. (Ed.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARDOSO, K. M. **“Uma geração que vai impactar Londrina”**: (re)vivendo juventudes na modernidade religiosa. Dissertação (Dissertação em Ciências Sociais) - UEL. Londrina, 2018.
- CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Ed.). **Desvendando máscaras sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues. In: NUNES, E. DE O. (Ed.). **A aventura sociológica: objetivade**,

paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINAYO, M. C. DE S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2000a.

HANGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WHITE, F. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (Ed.). **Desvendando máscaras sociais.** 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

OS DESAFIOS E A METODOLOGIA DE PESQUISA DENTRO DOS JOGOS ELETRÔNICOS

Carlos Eduardo Vizú Brenzan¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como principal objetivo trabalhar acerca do jogo eletrônico como objeto e fonte de pesquisa dentro do meio acadêmico. Para isto devemos refletir primariamente sobre alguns aspectos dos estudos apresentados dos mais diversos campos de acadêmicos que compartilham do mesmo desafio da análise, e principalmente da construção metodológica de pesquisa de um jogo eletrônico.

Para Sérgio Nesteriuk (2009, p. 23.) dentro do campo acadêmico-científico, há a presença de três linhas definidas de estudos sobre o videogame. A primeira se diz em respeito de estudos funcionalistas; segundo o autor, é o estudo das causas, consequências e dos efeitos dos jogos, remetendo-se a campos de estudo envolvendo áreas da sociologia, psicologia e pedagogia. Em relação à primeira linha de estudo ela ainda se divide entre duas visões, sendo elas a apocalíptica, tendo o jogo eletrônico como causador de vários males da sociedade atual, como hábitos violentos e linguagem pejorativa; e a outra visão é a integralista, aceitando o contato com esta ferramenta midiática como sendo irreversível, propondo formas de estudo para a integração do jogo eletrônico para atividades mais úteis dentro da sociedade contemporânea.

A segunda linha representa então os estudos técnico-tecnológicos, tendo atenção quase que exclusivamente para o papel do videogame como motor de aceleração para programação e as diversas ciências técnicas e computacionais. Tal ferramenta integra o sistema de aprimoramento de inteligências artificiais (I.A.), tendo o jogador como mero personagem para o desenvolvimento de um software ou um produto a ser comercializado.

A terceira e última tendência é dos estudos formalistas, “[...] que aborda questões referentas à linguagem, à estética, à retórica do meio e que procura investigar as formas expressivas e potencialidades intrínsecas do videogame.” (NESTERIUK, 2009, p. 25.). É esta última linha de pensamento que é o foco deste artigo, pois é justamente neste tipo de pesquisa que há uma certa falta de uma base metodológica

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) sob orientação do Prof. Dr. Richard Gonçalves André. Contato: kaduvizu@hotmail.com

consolidada nestes tipo de estudo onde pode-se discutir temas como questões de linguagem (estética ou retórica), narrativa, filosofia e cultural. Segundo Nesteriuk:

Acredito que tal fato ocorra em virtude de três fatores: o preconceito, ou a falta de *status* perante a comunidade científica em se estudar videogames; a novidade do enfoque, ou seja, a falta de uma tradição formal calcada nesses estudos, o que também impossibilita a criação de uma base sólida para o seu desenvolvimento em extensão e profundidade; e a aparente indiferença do mercado e dos próprios jogadores em relação a essas questões, já que há uma crença comercial generalizada de que tudo funciona bem independente dessas considerações: “os jogos são bastante vendidos e os jogadores estão felizes” (NESTERIUK, 2009, p. 25.).

Os jogos eletrônicos apresentam um emergente mercado consumidor nas últimas décadas e, principalmente dentro do interesse científico, eles vêm ganhando espaço. De acordo com Ranhel, “ainda que tardiamente, várias áreas no meio acadêmico os têm reconhecido como fenômeno estético e social relevante.” (RANHEL, 2009) “É importante entender que ao utilizar como definição o uso do termo “jogos eletrônicos” ou “videogames”, estes são qualquer tipo de forma de *software* de entretenimento eletrônico, seja em computadores pessoais, consoles e envolvendo um ou vários jogadores em uma rede física ou online” [englobando também jogos acessados através de dispositivos móveis como tablets e smartphones] (FRASCA, 2001, p. 4.).

Aarseth (2011, p. 10.) também sugere a falta de base teórica-metodológica definida. O autor ressalta as razões para o próprio crescimento popular dos videogames

[...] esta visibilidade repentina, causada também provavelmente pelo enorme sucesso econômico e cultural dos jogos de computador, apresenta aspectos invisíveis ao observador estético, especialmente se este possuir formação em análise textual/visual, tal como habitualmente acontece. Em vez de tratar os novos fenômenos cuidadosamente, e como objectos de estudo para os quais ainda não existe uma metodologia, eles são analisados indiferenciadamente, com as ferramentas disponíveis, tais como a teoria cinematográfica ou a narratologia, desde o tempo de Aristóteles. A busca cautelosa de uma metodologia, que seria de esperar de executantes reflexivos de qualquer nova área, está ausente da maioria das actuais análises estéticas de jogo.

Com base nisto, o seguinte tópico tem como objetivo levantar questões e tentar esclarecer ideias sobre a pesquisa no meio acadêmico dos jogos eletrônicos do ponto de vista formalista, através de autores e também de exemplos de pesquisa.

VIDEO GAMES E METODOLOGIA: DEFINIÇÃO E EXEMPLO

Gonzalo Frasca (2001) apresenta os jogos eletrônicos não como uma ferramenta primária de movimentação financeira, mas sim como uma ferramenta para o desenvolvimento do pensamento crítico e do debate. Frasca realiza a pesquisa através do ponto de vista de um desenvolvedor de jogos, o que nos traz à questão inicial da proposição metodológica de Aarseth (2011, p. 21):

Como é que analisamos os jogos? Depende de quem somos e dos nossos objectivos. Académicos, jogadores, críticos e criadores têm diferentes necessidades, e todos precisam de diferentes métodos. Enquanto académicos, poderemos também ter diferentes necessidades e motivos, mas ainda assim poderá ser possível acordar normas comuns. De uma forma geral, começamos por uma questão definidora da nossa linha de investigação, tal como “o que é jogar em jogos de aventura?”, ou, então, partimos simplesmente de um interesse particularmente desconcertante, tal como a descoberta de um novo jogo.

Partindo desta definição, Frasca coloca seu ponto principal, que é propor esboços ou modelos de jogos eletrônicos para desenvolvedores visualizarem as diversas finalidades que aquela mídia possa ser utilizada.

De maneira geral no método de análise do jogo eletrônico, Aarseth propõe uma tipologia para caracterização destes jogos sendo elas:

- Jogabilidade (as ações, estratégias e motivos dos jogadores);
- Estrutura do jogo (as regras do jogo, incluindo as regras de simulação);
- Cenário do jogo (conteúdo ficcional, concepção topológica da estrutura do jogo, texturas, etc.).

Com estes três tipos de características pré-definidas, é possível então colocar e descrever diversos elementos dentro do jogo para um propósito em específico, como por exemplo dois jogos podem compartilhar a mesma representação de um mundo medieval, porém se um jogo for estruturado de forma para o jogador seguir uma linha narrativa e sendo um jogo *singleplayer*², enquanto o outro seja um *MMO*³ sem narrativa, com o propósito de conquistar e defender territórios através de intensas batalhas *online*.

Aarseth então coloca que existem três formas principais para adquirir conhecimento em relação ao jogo eletrônico a se analisar, sendo

² *Singleplayer* é o termo utilizado para jogos que não possuem um suporte para mais de um jogador, seja através da conexão pela internet ou não.

³ *Massive Multiplayer Online* é um gênero de jogo onde centenas e até milhares de jogadores compartilham do mesmo espaço virtual e interagem entre si.

elas (ARSETH, 2011, p. 14.)

Em primeiro lugar, podemos estudar a concepção, as regras e a mecânica do jogo, desde que tais elementos estejam à nossa disposição. Para aceder a tais elementos, poder-se-á recorrer, por exemplo, ao contacto com quem concebeu o jogo. Em segundo lugar, podemos observar outros a jogar ou proceder à leitura dos seus relatórios e críticas, esperando que o seu conhecimento seja representativo e a forma como jogam competente. Em terceiro lugar, podemos jogar o jogo nós próprios [...].

Embora todos os métodos apresentados sejam válidos, o terceiro lugar é obviamente o caminho mais seguro teoricamente a ser seguido, pois a análise do jogo eletrónico como objeto e fonte de estudo é principalmente a interação dele com o seu público, e como o pesquisador é quem está procurando por indagações ou justificativas teóricas naquele objeto então logicamente a sua experiência ao jogar só há de contribuir para o exercício de sua pesquisa. Para Aarseth (2011, p. 14), “[...] o estudo informado de jogos tem obrigatoriamente que envolver o ato de jogar, tal como os estudiosos do cinema e da literatura se confrontam diretamente com as obras, assim como através de fontes secundárias [...]”.

Para Aarseth (2011, p. 21) é necessário então estabelecer uma base empírica forte e defensável, verificando-se os diversos tipos de campos teóricos que é possível analisar dentro do mesmo objeto de estudo. Para o autor: “Uma vez que se trata de uma área interdisciplinar e extremamente variada do ponto de vista empírico, existe um grande número de diferentes razões para se investigar e um grande número de tipos de pesquisa a desenvolver” (ARSETH, 2011, p. 10.). Como exemplos das mesmas é possível analisar a parte técnica da criação de um jogo eletrónico a partir de suas ferramentas de programação ou até a direção artística e a própria narrativa, etc.

Assim sendo, também é necessário recorrer ao máximo de fontes possíveis sobre o assunto, pois, apesar da análise do jogo eletrónico ter como diferencial o ato de se jogar e a própria experiência particular com o objeto e fonte de estudo, este deve ser complementado pelas outras fontes pesquisadas. “A análise deverá também incluir uma reflexão sobre as fontes utilizadas; qual a sua origem, o que poderia ter sido incluído, a razão pela qual as selecionamos, etc.” (AARSETH, 2011, p. 22).

A construção dos jogos eletrónicos está ligada ao desenvolvimento de toda a indústria do entretenimento (PINHEIRO, 2006). Desde a sua popularização através da criação dos primeiros consoles a partir das décadas de 1970 e 1980, segundo Santaella e Feitoza, há cerca de uma década a movimentação financeira deste mercado de jogos eletrónicos era a terceira do mundo, superior até ao cinema (2009). Em um sentido que no mercado nacional, o Brasil representa um grande mercado consumidor.

Através de pesquisas recentes feitas no 2º censo de games apresentadas pelo Ministério da Cultura do Brasil, o crescimento de empresas nacionais de desenvolvimento de jogos eletrônicos cresceu de 142 para 375 estúdios. Estas informações evidenciam a importância que o jogo eletrônico exerce dentro da nossa sociedade tanto como fenômeno cultural quando pelo viés industrial, onde jogadores casuais que têm um acesso fácil seja por qualquer meio já descrito anteriormente ou o grande mercado do recente conceito de *E-sports* que são as grandes competições de jogadores profissionais nos quais os vencedores são premiados com valores de até 37 milhões de dólares⁴.

Os próprios consumidores desta ferramenta ajudam a alimentar os serviços e mercado que formam um tipo de comunidade estabelecida em uma relação social em torno do jogo eletrônico em si. Um exemplo disto são os serviços de *streaming* proporcionados através de sites como Twitch.tv⁵, onde centenas de milhares de telespectadores assistem outras pessoas ao vivo jogando jogos eletrônicos e também interagem entre si através de bate-papos podendo até doar/financiar tais jogadores para continuar com este tipo de serviço chamado *livestream*.

Tendo em vista esse breve panorama – seguimos com o exemplo deste tipo de pesquisa metodológica, o jogo eletrônico *Never Alone (Kisima Ingitchuna)* (2013), um jogo eletrônico desenvolvido pela *Upper One Games* e *E-line Media*, situadas no Alasca e distribuído para diversas plataformas através da mídia digital, que foi usado para compor a análise e a pesquisa aqui realizada.

A descrição do ambiente do jogo conta diversas lendas do povo Iñupiaq⁶, uma tribo nativa do Alasca onde por centenas de anos sua cultura sobreviveu através da oralidade, na forma de contos e histórias, a sabedoria antiga era passada para a nova geração.

Como descreve Sakakibara(2009), desde a década de 1970 o povo Iñupiaq tem sido afetado diretamente através dos impactos climáticos que os forçou a passar por diversas mudanças geográficas e conseqüentemente culturais tornando tais costumes mais difíceis de se preservar, pois com o crescimento do mundo moderno dentro daquela da perspectiva tribal e da grande mobilidade informacional que ele nos traz, houve o afastamento da população destes métodos tradicionais, como o do povo Iñupiaq.

O resultado disso é justamente no enfoque de novas formas que

⁴ Valor máximo arrecadado para a premiação do campeonato presencial do jogo eletrônico *Dota 2*, desenvolvido pela *Valve Corporation*.

⁵ Plataforma de *streaming* de vídeo com foco principal em jogos eletrônicos.

⁶ Para mais informações, ver Sakakibara (2009), acessando: inuitualityconference.com/art/Sakakibara.pdf, acesso em 14/08/2018.

⁷ Pronuncia-se Inupiaque.

buscam retratar tais métodos tradicionais. O próprio vídeo-game em si auxilia a preservação da identidade do povo, que sofreu com a perda de seu lugar de origem devido à mudança climática e ao derretimento das geleiras, forçando a população Iñupiaqa perder a sua posição original dentro do ambiente geográfico (SAKAKIBARA, 2009).

Através da contribuição de próprios membros da tribo, desenvolvedores e editores de jogos educacionais foi desenvolvido o jogo *Never Alone - Kisima Ingitchuna* (2013). Seu gênero pode ser descrito como um jogo de plataforma⁸ com elementos de quebra-cabeça dentro de um mundo criado e narrado através da cultura do povo Iñupiaq, desenvolvendo-se em uma narrativa de contos dos membros mais antigos da tribo que focam em tradições da sobrevivência do seu próprio povo dentro de seu espaço geográfico e também na sua visão de mundo e dos aspectos da natureza em sua volta através de vídeos em formato de documentários que são introduzidos de forma interativa no decorrer do jogo, inteirando o importante papel identitário que é criado com estes discursos de próprios membros da tribo.

Com base nesta fonte, é possível aplicar diversos tipos de ferramentas e referenciais teóricos junto à metodologia apresentada por Aarseth (2011) ao analisar o videogame como forma de representação de uma cultura, quais elementos primários o desenvolvedor do jogo eletrônico usou como referência a partir de uma contribuição regional de indivíduos que através de depoimentos constituíram uma narrativa ao jogo, remetendo-se a uma busca de identidade frente às mudanças climáticas e tecnológicas que os mesmos enfrentam. Também se enquadra a crítica às grandes produtoras de jogos considerados em termos técnicos AAA ou *triple A*, que são os jogos que seguem a mesma fórmula de produção consideradas “seguras” dentro da indústria de jogos eletrônicos que buscam atingir um público alvo e não tentam inovar dentro do seu meio de produção, ao contrário de jogos *indie*, que são aqueles que são produzidos com orçamentos baixos e que se fazem sucesso têm um retorno muito lucrativo. Este último possui destaque dentro da comunidade pois geralmente são muito mais baratos e são jogos produzidos por pequenas empresas (ou até uma pessoa sozinha) que buscam inovar dentro de diversos aspectos, seja em sua narrativa, arte ou até em seu público alvo.

Como o objetivo principal aplicado ao videogame pelos seus produtores é ser um meio educativo, o *Cook Inlet Tribal Council*⁹ divulgou

⁸ Entende-se como “jogo de plataforma” jogos eletrônicos em que o objetivo consiste em superar obstáculos enfrentando inimigos e completando um objetivo em específico, descrevendo o próprio nome de atravessar de plataformas em diante.

⁹ Ou CITC é uma organização que colabora com oito tribos reconhecidas federalmente no

um guia de atividades¹⁰ e discussões na sala de aula com o foco na cultura representada através do jogo eletrônico *Never Alone (Kisima Ingitchuna)*, onde apenas neste material nós temos base suficiente para definir o propósito da representatividade cultural que é mostrada no decorrer do jogo eletrônico, com os principais pontos para debates levantados como sendo: o que é uma estória? Estória como meio de preservação cultural. Relacionamento humano com o meio-ambiente.

Aarseth (2011) descreve a sua contribuição no estudo dos jogos eletrônicos como,

[...] mais um método do que uma teoria, pois a abordagem é empírica, não estando limitada a qualquer resultado ou modelo teórico particular. Deveria também tornar-se claro que o método não está isento de problemas, cuja gravidade varia consoante o investigador individual e os seus respectivos recursos. (AARSETH, 2011, p. 10.).

Ou seja, não existe um consenso dentro da academia acerca da metodologia para a análise de um jogo eletrônico. Por isso, o pesquisador deve jogá-lo e interpretá-lo de acordo com as suas principais intenções dentro do seu campo acadêmico.

Existem nuances que partem, como por exemplo, da visão antropológica – do antropólogo em campo em contato com o nativo – mas no caso, a experiência que o jogo eletrônico proporciona, parte do antropólogo/historiador vivendo, interpretando ou “controlando” o próprio nativo representado naquela forma, da mesma forma que o antropólogo muitas vezes participa dos rituais – o jogador também – e isso muitas vezes ocorre de uma forma inerente ao indivíduo. Como Geertz (1989) aponta

Nem sempre os antropólogos têm plena consciência desse fato: que embora a cultura exista no posto comercial, no forte da colina ou no pastoreiro de carneiro, a antropologia existe no livro, no artigo, na conferência, na exposição do museu ou, como ocorre hoje, nos filmes. Convercer-se disso é compreender que a linha entre o modo de representação e o conteúdo substantivo é tão intracável na análise cultural como é na pintura. E este fato, por sua vez parece ameaçar o *status* objetivo do conhecimento antropológico, sugerindo que sua fonte não é a realidade social, mas um artifício erudito. (GEERTZ, 1989, p.11-12)

Assim como Geertz (1989) afirma que os antropólogos não têm consciência do fato de que a antropologia existe não só no campo, mas

Alasca na região da enseada de Cook, reforçando programas sociais e serviços para as tribos e comunidades da região.

¹⁰ Disponível em: <https://citci.org/wp-content/uploads/2014/11/Never-Alone-Curriculum-Guide-April-2015.pdf>

dentro das representações, e utiliza-se do exemplo do cinema – aqui incluo o video-game fonte representacional de uma cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo da pesquisa – pautada na representação cultural da construção de uma identidade através de relatos e a própria narrativa do jogo – e a descrição metodológica – o ato de jogar em si, contribuindo para a descrição do objeto e principalmente a formação da experiência do pesquisador/jogador, foi apreendido através da análise/interação com o objeto de estudo, que a finalidade principal deste jogo eletrônico em si, é ser além de um objeto de entretenimento. Alcançando um sentido didático tanto com a interação do jogador, quanto a preservação da sua memória.

Assim como citado acima, partindo da perspectiva antropológica de Geertz (1989) de que a antropologia está ao nosso redor – cabe ao pesquisador ter a espertize de analisar o campo em que se debruça e construir sua análise.

A metodologia em si possui uma série de desvantagens. Por exemplo, muitas vezes não há uma base consolidada dentro de um campo teórico que transcreva tudo aquilo que o pesquisador precisa para compor sua análise – ficando refém do que é transmitido.

Existem limitações técnicas no que tange também à aquisição do equipamento necessário para ‘jogar’ o jogo, como também limitações motoras – não são todos que vão conseguir “manusear” o jogo, ou seja *saber*¹¹ jogá-lo – e isso parte desde a falta de hábito com a mídia, ou até mesmo a falta de interesse do mesmo.

O campo de estudo dos jogos eletrônicos é pouco incentivado em termos acadêmico-científico por diversas razões já citadas, tive então a oportunidade e tentativa de proporcionar um primeiro contato com questões que são fundamentais para escrever uma pesquisa com este objeto e fonte de estudo. Também aproveitando e mostrando exemplos de pesquisa como o próprio Gonzalo Fraga nos traz em sua obra, onde o principal objetivo de sua tese é poder mostrar que os jogos eletrônicos não são meramente um tipo de entretenimento trivial, sendo capaz também de se tornar uma ferramenta poderosa de forma de representação, que encoraje o pensamento crítico, empoderamento pessoal e a mudança social (FRASCA, 2001).

¹¹ No que tange em experiências anteriores com jogos eletrônicos ou até mesmo jogos do mesmo gênero.

REFERÊNCIAS

- AARSETH, E. (Julho de 2011). O jogo da investigação: abordagens metodológicas à análise de jogos. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*.
- FRASCA, G. (2001). *Videogames of the oppressed: videogames as a means for critical thinking and debate*. Georgia: Georgia Institute of Technology.
- GALISI, D. (2009). Videogames: ensino superior de jogos no Brasil. In SANTAELLA, L.; FEITOZA, M. *Mapa do jogo: a diversidade cultural dos games* (p.223-238). São Paulo: Cengage Learning.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- NESTERIUK, S. (2009). Reflexões acerca do videogame: algumas de suas aplicações e potencialidades. in L. SANTAELLA, & M. FEITOZA, *Mapa do jogo: A diversidade cultural dos games* (p. 23-36). São Paulo: Cengage Learning.
- PINHEIRO, C. M. (2006). A história da utilização dos games como mídia. *4º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*. São Luis/MA.
- RANHEL, J. (2009). O conceito de jogo e os jogos computacionais. in L. SANTAELLA, & M. FEITOZA, *Mapa do Jogo: A diversidade cultural dos games* (pp. 3-22). São Paulo: Cengage Learning.
- SAKAKIBARA, C. (2009). *Speaking of Place: Contemporary Inupiat Storytelling and Place-Making in the Time of Climate Change*. (Collignon, & Therrien, Eds.) *INALCO - Proceedings of the 15th Inuit Studies Conference, Orality*. Acesso em Fevereiro de 2018, disponível em nuitoralityconference.com/art/Sakakibara.pdf
- SANTAELLA, L., & FEITOZA, M. (2009). *Mapa do Jogo: A diversidade cultural dos games*. São Paulo: Cengage Learning.

DEBATE EM GRUPO: PESQUISA QUALITATIVA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMBÉ E LONDRINA PR (2016-2017)

Ana Cláudia Rodrigues De Oliveira¹
Fabio Lanza²
Lucas LuisJesus da Silva³
Vinicius dos Santos Moreno Bustos⁴

INTRODUÇÃO

O capítulo a seguir é fruto de um trabalho realizado em equipe acerca das percepções e experiências do uso da técnica de pesquisa de Uwe Flick (2005), chamada de Debate em Grupo. Os dados coletados contribuíram para a pesquisa nacional “O Ensino Médio no Brasil: análise comparativa das múltiplas desigualdades sócio educacionais nas microrregiões do Paraná”, realizada sob responsabilidade do Observatório da Educação (OBEDUC) da CAPES-UEL Ciências Sociais e do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR), que resultaram na produção de Iniciações Científicas e Dissertações de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UEL⁵. A princípio, o texto busca refletir sobre aspectos fundamentais da realização de pesquisas de campo, sobretudo quando se trata no espaço escolar, que acrescenta à tarefa suas próprias dificuldades e particularidades.

A aproximação teórico-metodológica com Flick (2005) e a técnica dos *debates de grupo* permitiu à equipe do LERR/UEL experiências em

¹ Licenciada em Ciências Sociais, Especialista em Ensino de Sociologia e Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades e do Programa Observatório da Educação OBEDUC CAPES UEL - Ciências Sociais. E-mail: anaoliveira.uel@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais, Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades - Ciências Sociais/Uel PR”. E-mail: lanza1975@gmail.com.

³ Graduando do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina. Bolsista PROIC pela Fundação Araucária. Colaborador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR-Uel). E-mail: lucas_l_dj@hotmail.com.

⁴ Licenciado em Ciências Sociais e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Estadual de Londrina - Paraná. Bolsista PROIC pelo CNPq. Colaborador do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR-Uel). E-mail: vini_bustos@hotmail.com

⁵ A proposta a seguir compõe a dissertação intitulada “Percepções dos estudantes da rede pública estadual de ensino da região de Londrina PR nos debates sobre família, gênero, política e religião”, defendida pela pesquisadora e co-autora Ana Cláudia Rodrigues de Oliveira, foi reformulada e reelaborada para esta publicação.

profundidade que apenas o trabalho integrado dos pesquisadores poderia viabilizar. A primeira fase da pesquisa em dois colégios públicos, de Cambé e outro de Londrina, adotou a aplicação de questionários que foi composto por colaborações das discussões realizadas no âmbito do LERR, bem como do OBEDUC CAPES/Ciências Sociais UEL, cujas pesquisas se afinam aos eixos temáticos explorados pelo instrumento. Sua construção e aplicação revelou certas dificuldades de torná-lo adequado à pluralidade dos sujeitos da pesquisa e à diversidade de suas práticas religiosas, participações políticas e de suas configurações familiares.

A partir das reflexões sobre técnicas de pesquisa com fontes orais, optamos pela modalidade dos *debates de grupo*, que se mostrou como adequada às pretensões investigativas de nosso trabalho, pois favorece as interações discursivas de modo dinâmico, evitando assim o engessamento e artificialidade dos dados coletados – problema que enfrentamos na fase inicial quando usamos apenas o questionário e compunha o pré-teste. Na fase de desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o instrumento de coleta de dados e posteriormente o incremento dos *debates de grupo*.

Esta técnica de entrevista coletiva, se diferencia das entrevistas de grupo focal, pelo fato do interesse do pesquisador estar voltado principalmente para as contradições expressas durante as interações dos sujeitos da pesquisa. Não se trata de focalizar nas características comuns aos entrevistados, mas sim de captar, através do estímulo da dinâmica do debate, suas diferenças, divergências e contrastes.

De acordo com Flick (2005), esta técnica de pesquisa é particularmente adequada para o estudo de opiniões e comportamentos dentro do quadro de interações próprias da vida cotidiana dos entrevistados, evitando assim a descontextualização destas relações discursivas interativas. Nesta técnica é possível utilizar como fonte dados levantados a partir de debates sobre temas específicos em um grupo natural ou artificial, visando compreender como as opiniões são produzidas e expressas. (FLICK, 2005, p. 116-118).

Em nosso caso, os grupos podem ser classificados como naturais, ou seja, aqueles nos quais os sujeitos já estão inseridos em relações de interação comunicativa na vida cotidiana. Apesar deste fator favorecer os debates foi preciso estabelecer as principais questões norteadoras dos debates, os pontos de partida e orientação das discussões, já que o maior potencial do método é também a maior fonte de problemas na aplicação: sua dinâmica carrega consigo a possibilidade de que as discussões fujam completamente aos objetivos da pesquisa (FLICK, 2005, p.120).

Considerando a estratégia adotada de debates de grupo, não é possível prever seu desenvolvimento em um esquema simplificado ou específico. Contudo, alguns procedimentos gerais são apontados, tais

como:

- Explicar o processo de pesquisa aos participantes de acordo com o planejamento mais adequado aos objetivos da pesquisa.
- Preparar os sujeitos para o debate apresentando os mesmos (quando for o caso) e reforçando a base comum de pertencimento.
- Estimular o debate por meio de frase provocativa, questões ou problemas.

Na coleta dos dados verbais cabe à moderação dos debates realizar a direção formal, a condução temática e a orientação da dinâmica dos debates (FLICK, 2005, p.119-120). Para melhor desempenho na moderação dos debates, contamos com o trabalho auxiliar de pesquisa⁶, na operacionalização das gravações e no processo de observação das reações e comportamentos dos sujeitos da pesquisa durante os debates.

Conforme dito, iniciamos o planejamento da aplicação da técnica a associada com a elaboração e coleta de dados por meio do questionário que serviu como instrumento de orientação dos debates. Suas questões abordaram aspectos dos perfis dos sujeitos, suas famílias, práticas políticas e religiosas e seus posicionamentos político-ideológicos, sobretudo no que diz respeito aos vínculos entre religião e política, ao reconhecimento das famílias homoafetivas, sobre a união civil de pessoas do mesmo sexo e os direitos reprodutivos para a população LGBT.

Cabe pontuar que o uso do questionário foi feito para assegurar o processo de moderação e o alcance dos objetivos da pesquisa. Os debates foram articulados apenas às perguntas de maior centralidade, as quais muitas vezes decorreram do próprio desenvolvimento das discussões, sem a necessidade de serem cobradas pela moderação.

Consideramos que a principal dificuldade encontrada em nossa pesquisa de campo não foi a aplicação da técnica dos debates em si, mas sim os problemas em conciliar as datas de aplicação com o calendário escolar e agendas específicas dos colégios. Pesquisas realizadas durante as aulas possuem a vantagem de obter a amostra de um grupo natural e amenizam a artificialidade dessas atividades, mas devem estar cientes de que é muito difícil conseguir estes encaixes de horário.

A seguir buscamos construir um relato sobre os principais desafios e dificuldades práticas da aplicação da técnica dos *debates de grupo*, explorando seus instrumentos e acrescentando observações realizadas durante a coleta dos dados orais. Consideramos importante fazer essa aproximação entre o leitor as condições da produção dos dados, destacando os cuidados epistemológicos requeridos pela pesquisa e

⁶ O suporte da Equipe de pesquisa foi fundamental para que os debates ocorressem bem dentro do curto intervalo de 50 minutos (uma hora-aula). Com o auxílio na gravação e anotações da observação de campo foi possível a moderadora dedicar-se ao processo de interlocução, moderação e multiplicar os olhares sobre as reações dos estudantes.

pontuando suas principais limitações.

Nos dedicamos então às nossas fontes orais, que consistem nos discursos dos estudantes, coletados durante os debates realizados em turmas de primeiros e terceiros anos do Ensino Médio dos colégios estaduais Érico Veríssimo (Cambé/PR) e Marcelino Champagnat (Londrina/PR). Procuramos compreender as representações sociais de família dos estudantes a partir de suas práticas discursivas observando os elementos de sua construção.

A ESCOLA COMO CAMPO DE PESQUISA

Os *debates de grupo* foram realizados com estudantes do ensino médio, frequentes de dois colégios da rede pública estadual ensino, sendo eles o Colégio Estadual Érico Veríssimo e o Colégio Estadual Marcelino Champagnat, localizados respectivamente nos municípios de Cambé e Londrina. Os grupos foram classificados a partir de Flick (2005) como grupos reais (ou naturais), por tratar-se de sujeitos que já compartilham interações cotidianamente, uma vez que cada grupo foi composto por estudantes da mesma série e turma. A classificação como grupos reais se dá quando seus membros se conhecem e já interagem cotidianamente e costumam participar de atividades de discussão e de construção de significados (FLICK, 2009 p.183- 187).

Além disso, foram classificados como heterogêneos – devido ao fato de terem sido selecionados intencionalmente por seus posicionamentos distintos e contrastantes em relação aos problemas da pesquisa (FLICK, 2005, p.117).

O campo escolar fornece múltiplas possibilidades para a investigação sociológica, o que se confirma pela consolidação da área de estudos da sociologia da educação – a qual reúne uma grande variedade de perspectivas sobre a educação e a escola como instituição social. Não entraremos no mérito das abordagens desenvolvidas nas Ciências Sociais, pois queremos apenas pontuar a importância da educação escolar para a vida social.

O campo escolar consiste num espaço complexo, permeado por elementos estruturais de outros campos sociais e pela dinâmica das interações sociais. Contém em si toda sorte de conflitos, contradições e disputas sociais, possuindo uma natureza dialética. Remontando a visão de Bourdieu (2003) podemos dizer que ele influi diretamente nas formas de distribuição do *capital cultural*, podendo transformar, reproduzir ou reforçar as desigualdades sociais.

Esse capital, de um tipo inteiramente particular, repousa, por sua vez, sobre o reconhecimento de uma competência que, para além dos efeitos que ela produz e em parte mediante esses efeitos, proporciona autoridade e contribui para definir não somente as regras do jogo, mas também suas regularidades, as leis segundo as quais vão se distribuir os lucros nesse jogo, as leis que fazem que seja ou não importante escrever sobre tal tema, que é brilhante ou ultrapassado (BOURDIEU, 2003, p.27).

Considerar a complexidade da realidade escolar e os conflitos em torno do *capital cultural* que nela se dão é um pressuposto é indispensável quando se pesquisa determinado objeto no interior deste espaço, pois o mesmo possui especificidades e seus inerentes desafios à pesquisa de campo em educação.

As representações sociais dos sujeitos são tomadas como expressão de seus estilos de pensamento, vinculados às suas visões de mundo, posicionamentos político-ideológicos e práticas sociais. Por isso nos dedicamos à análise de seus discursos de modo atento à presença de elementos decorrentes de suas experiências familiares, escolares e religiosas.

O Colégio Estadual Érico Veríssimo (CEEV) fica localizado na região central de Cambé/PR, município vizinho de Londrina/PR, atendendo alunos da região central, da periferia da região noroeste e zona rural. A escola comporta turmas do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano), Ensino Médio, Sala de Recursos Multidisciplinares (Altas Habilidades) e atividades complementares (curso de Espanhol, salas de apoio em Matemática e Português), recebendo cerca de 1200⁷ matrículas por ano.

Apesar de localizado em região central há outros três colégios próximos que também ofertam o Ensino Médio. De acordo com o PPP⁸ do colégio o perfil da comunidade atendida indica predomínio da formação escolar limitada ao Ensino Fundamental, com ampla diversidade de crenças religiosas. O documento aponta que a comunidade enfrenta problemas relativos à desigualdade social, cultural e econômica, sendo necessária a oferta de uma educação socialmente comprometida com a formação profissional e cidadã.

O Ensino Médio matutino conta com cerca de 130 alunos no primeiro ano (4 turmas), 90 nos segundos anos (3 turmas) e mais aproximadamente 90 estudantes nos terceiros anos (3 turmas) – números calculados a partir do número de matrículas, sem o levantamento dos casos de abandono escolar. Para nossa pesquisa selecionamos uma turma como amostra do primeiro ano e outra do terceiro, ambas do nível médio

⁷ Segundo consulta pública de escolas disponibilizada pela SEED/PR, no site: <http://www4.pr.gov.br/escolas> Acesso em 15/08/2018.

⁸ O PPP atual do colégio Érico Veríssimo não foi disponibilizado *online*, por isso o documento foi consultado nas dependências do colégio.

e período matutino.

Sobre as especificidades do CEEV podemos afirmar que o fator da diversidade sócio-cultural entre os estudantes chama a atenção. Nas turmas investigadas os sujeitos possuem idades entre 14 a 19 anos, perfis socioeconômicos variados, incluindo moradores da região central, dos bairros periféricos e da zona rural⁹. No primeiro ano do CEEV, 24 estudantes do primeiro ano participaram dos debates e, 28 estudantes do terceiro ano.

O segundo colégio investigado é o Colégio Estadual Marcelino Champagnat (CEMC), colégio localizado na região central de Londrina/PR, o qual atende a população das mais variadas regiões da cidade. O CEMC atende uma população maior (mais de 2000 matrículas anuais, segundo consulta de escolas da SEED) e oferta o Ensino Fundamental, Ensino Médio, sala de recursos multifuncionais e várias outras atividades complementares (aulas especiais de treinamento esportivo, cursos de idiomas em inglês, espanhol e japonês e programa de atividades complementares de contraperíodo).

Neste colégio nossa pesquisa de campo também foi realizada no Ensino Médio matutino, que possui cerca de 140 estudantes nos primeiros anos (4 turmas), 147 nos segundos anos (4 turmas) e 200 estudantes nos terceiros anos (6 turmas). Apesar do problema da evasão escolar, o Ensino Médio do CEMC apresenta tendência contrária à do CEEV: o número de estudantes matriculados aumenta nos anos finais. Selecionamos uma turma do primeiro ano matutino, contamos com 33 participantes do 1º, e 28 do 3º ano.

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados procuram contemplar elementos decorrentes da vivência familiar, religiosa e escolar dos estudantes presentes em suas representações sociais. Atenta-se para aspectos de sua inserção na esfera pública, trazendo elementos de sua participação religiosa e do modo como distinguem relações dos âmbitos privado e público. Nos *debates de grupo* foi possível perceber o lugar ocupado pelas religiões e pelas concepções morais pessoais na esfera do poder público – o que auxiliou na classificação dos tipos de pensamento político representados.

As representações sociais de família para as quais queremos chamar

⁹ A presença de estudantes da zona rural é bastante expressiva, devido ao fato de que colégios desta região foram fechados nos últimos anos, como é o caso da Escola Estadual do Campo João de Santa, fechada ao final de 2014. Essa demanda é reconhecida pelo colégio, que inclusive orienta os professores a ofertarem segunda chamada de atividades e avaliações para estes alunos logo após os dias de muita chuva, pois os mesmos não conseguem sair de casa quando isso ocorre.

a atenção, são aquelas vinculadas ao pensamento conservador, as quais operam em relação simbiótica com o tradicionalismo religioso para legitimar processos excludentes. Em tais representações, as desigualdades de gênero são naturalizadas, a homofobia religiosa é justificada e a heteronormatividade define o que é família ou não.

Nosso instrumento de coleta das fontes orais buscou traçar os perfis¹⁰ específicos das turmas em relação às configurações familiares, práticas políticas e religiosas, dos sujeitos. As turmas são identificadas pelo ano/série (nº1 ou nº3) e as siglas encurtadas dos colégios Érico Veríssimo (EV) e Marcelino Champagnat (MC), assim temos as turmas: 1EV, 3EV, 1MC e 3MC. Já os estudantes receberam códigos de identificação fictícios, garantindo o anonimato, os quais são compostos pelo sexo biológico feminino (F) ou masculino (M) e o número sequencial (1, 2, 3...), que permite diferenciar os estudantes de uma mesma turma, ou identificar os posicionamentos de um mesmo sujeito nos diferentes blocos de debates.

Dado essa breve explicação, a título de exemplo serão apresentadas algumas falas captadas no Debate em Grupo sobre os diferentes eixos temáticos/objetivos investigados.

- Eixo temático: Religião, Sociedade e Estado

1EVM4: Eu sou contra. Para algo justo pra todos seria bom que fosse o modelo laico

1EVM8: Eu acho que, um exemplo, se fosse uma pessoa cristã, ou do candomblé, não sei o quê, querendo ou não a pessoa ela é.. ela vai querer pregar a religião dela, obrigar a pessoa. Sei lá, acho que não deveria ter religião na política não.

- Eixo temático: Direitos reprodutivos e direitos de adoção para casais LGBT.

1EVM11: Na bíblia está escrito 'não se deite com homem como se fosse uma mulher, é abominação contra Deus'. Eu acho assim, sou contra porque é contra a lei de Deus. Deus estabeleceu uma lei, certo. Deus mandou fazer uma coisa, homem e mulher, deu a mulher para o homem. Certo, aí vem e muda? Acho errado.

1EVM4:Então, é, não vou querer que você aceite minha opinião, você tem sua

¹⁰ Por ora os elementos da sociabilidade familiar, religiosa e política dos estudantes são tratados apenas a partir daquilo que apontam os dados quantitativos obtidos pelo questionário de apoio da aplicação dos debates, na tentativa de delimitar os perfis das turmas. Na análise dos discursos sobre as representações sociais de família discutimos suas contradições e buscamos as referências destas sociabilidades nas falas dos sujeitos.

liberdade de sexualidade e religião. Só proponho uma reflexão, não proponho que mude por mim nem nada, nem quero ser agressivo. Se as pessoas nascem assim, não seria uma injustiça? No caso da religião, ela não seria predestinada a ir para o inferno desde que nasceu, porque simplesmente ela nasceu gostando de outro homem?

Os posicionamentos sobre o reconhecimento da união civil homoafetiva por parte do Estado e do reconhecimento social das relações amorosas homoafetivas são expressos nas falas a seguir:

Eixo temático: casais homoafetivos

1MCM5: *Eu sou contra, porque... bom, a minha religião não permite. Eu não tenho nada contra não, mas na bíblia diz que não pode. Não quero ir contra a bíblia...*

1MCM8: *Nessa questão de religião, bom... Eu acho que... tipo, os homos só querem uma igualdade dos direitos, como todo mundo. Seria um crime eles quererem o que a sociedade não quer? Deixa cada um escolher (...)*

Sobre questões referentes ao reconhecimento jurídico e social de casais LGBT, ocorreram as seguintes discussões:

- Eixo: União Civil de pessoas do mesmo sexo.

3MCM3: *Sou a favor, quem proíbe o casamento gay é, geralmente, a religião. Acho que cada um deve ter o direito de fazer o que quiser.*

3MCM5: *Mas se não tiver a influência religiosa, aí vão querer casar mesmo.*

3MCF4: *Qual seria o problema? Eu acho que não tem porque você ser contra, todo mundo é igualmente livre. Não podemos impor algo da religião para a Sociedade Civil, é importante manter a neutralidade do Estado.*

3MCM5: *Eu acredito que Deus fez o homem para ficar com a mulher. Na questão do Estado eu sou a favor, mas na minha religião pessoal eu sou contra.*

Apesar de já ter utilizado anteriormente dados quantitativos mais amplos sobre nosso objeto consideramos importante fazer este levantamento particular com as fontes orais. Isso pode se destacar como uma das vantagens de se ter utilizado o instrumento dos questionários para aplicação dos debates: a coleta das fontes orais acaba por produzir dados qualitativos sobre o recorte microsociológico, para posteriores análises e comparações. Nossas problematizações, hipóteses, pressuposições teórico-metodológicas e ferramentas de análise ganharam maior suporte se amparadas por estes dados da dimensão da prática escolar cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de análise dos *debates de grupo* demonstrou que a compreensão das representações sociais não é tarefa simples¹¹, pois se atrela a uma série de outras representações da vida social e de processos práticos da produção de conhecimentos entre os estudantes. Consideramos que as análises tecidas apontam as múltiplas representações sociais de família entre os estudantes, as quais estão vinculadas às religiosidades e aos diferentes estilos de pensamento dos sujeitos (conservador, reformista-conservador e reformista-progressista)

Em todo o levantamento das fontes orais – desde a fase de pré-testes¹² até a aplicação final da técnica dos *debates de grupo* – as referências aos aspectos religiosos sempre aparecem nos posicionamentos dos sujeitos e se tornam uma das pautas centrais das discussões.

Ao leitor será possível observar em nossas análises que a técnica dos *debates de grupo* se mostra como ferramenta extremamente valiosa na apreensão das visões de mundo, uma vez que estimula os contrastes e contraposições argumentativas. As posições dos sujeitos e seus estilos de pensamento são postos à prova das diversidades durante a realização dos debates, o que faz com que as representações sociais dos sujeitos sejam bem definidas e ainda ganhem entonação propositiva/normativa.

Com base nestas indicações nos preocupamos em ampliar o registro das observações práticas dos *debates de grupo*. Para além dos questionários utilizados como instrumento para o debate e das gravações realizadas durante a coleta, buscamos registrar as reações, comportamentos, posturas e silenciamentos dos estudantes durante a participação nestas atividades.

Foi possível perceber o modo como o uso da técnica de coleta dos dados orais demonstra-se adequado para a apreensão deste processo dinâmico e dialético de elaboração das representações sociais de família dos estudantes-sujeitos da investigação. Isso porque, com o uso da técnica – que contempla tanto a construção de consensos como as contradições de opinião entre os membros dos *debates de grupo* – é possível uma aproximação com os processos cotidianos de interação dos sujeitos da pesquisa.

O questionário possui suas limitações, pois as respostas puderam ser contraditas nos debates, ao mesmo tempo pode ser que alguns sujeitos se sintam mais à vontade para responder e se posicionar. As comparações

¹¹ Para acessar a pesquisa completa ver: OLIVEIRA, 2018.

¹² A aplicação do pré-teste das técnicas e procedimentos de pesquisa, bem como os resultados com ela obtidos foram fundamentais para a reformulação do instrumento da pesquisa de campo, repensado para explorar melhor as dimensões das práticas religiosas, familiares e políticas dos estudantes.

entre as realidades representadas pelas duas escolas voltam a ser objeto de nossa reflexão na análise das fontes orais, pensando o modo como os discursos podem se contrapor ou não a estes dados. Por enquanto tratamos das principais dificuldades e desafios práticos encontrados na aplicação da técnica dos *debates de grupo*. Foi observado nas falas, bem como as alterações nas posturas de alguns participantes, notamos o modo como a técnica dos *debates de grupo* favorece a percepção dos processos práticos de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Esboço da teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu/ Sociologia*. Trad. Paula Monteiro. 2.ed. São Paulo: Ática, 1994, p.46-81.

FLICK, Uwe. Métodos qualitativos na investigação científica. Lisboa: Monitor, 2005.

MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, José de S. *Introdução Crítica a Sociologia Rural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Rodrigues de. Percepções dos estudantes da rede pública estadual de ensino da região de Londrina PR nos debates sobre família, gênero, política e religião. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Londrina PR: 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/socreligioses/pages/producoes-e-publicacoes.php>